



**UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
MONDLANE**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Experiências, Vivências e Identidades em Contexto de Migração da Zambézia para  
a Cidade de Maputo**

**Autor:**

Cardoso António Sabonete

**Supervisor:**

Prof. Doutor Elísio Jossias

Trabalho de Culminação do Curso

Maputo, Novembro de 2023

**Experiências, Vivências e Identidades em Contexto de Migração da Zambézia para  
a Cidade de Maputo**

**Autor**

---

(Cardoso António Sabonete)

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

**O supervisor**

---

**O presidente**

---

**A oponente**

---

Maputo, Novembro 2023

## **Declaração**

Declaro que este projecto de pesquisa é original e resulta da minha investigação pessoal independente. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências das fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Assinatura

---

(Cardoso António Sabonete)

Maputo, Novembro 2023

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho, aos antropólogos clássicos que dedicaram o maior esforço nos tempos longínquos na formulação de teorias e métodos na antropologia e um intelectual/académico Moçambicano Filósofo Severino Ngoenha. Nisso, começo com Lewis H. Morgan que descreveu a cultura das primeiras sociedades e as fases da evolução humana dividindo em *selvageria/primitivo*, *barbarea* e *civilizatória*.

Ao Edward Tylor que nos formulou um conceito de cultura mais aceite de tantos conceitos existente na ciência sobre cultura, onde Edward Tylor (1832-1917) definiu a cultura como todo complexo unitário que inclui os conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Ao Sir James Frazer, onde destaca de “*The Golden Bough*”, na qual definiu dois tipos gerais de magia, a imitativa ou homeopática e a simpática ou contagiosa. Na magia imitativa ou homeopática, que se baseia no princípio da similaridade, o mágico imita os actos que ele deseja que ocorram, como soprar fumaça aos céus para que nuvens apareçam. E já na magia simpática há a convicção de que tudo que se faça a um determinado objecto afectará a pessoa a quem ele pertence ou com quem tem ligação.

Ao Severino Ngoenha que, em 2014, influenciou-me e motivou em apostar nas Ciências Sociais. Ngoenha, desenhou pirâmides de conhecimento em diversas amplitudes sociais como a identidade moçambicana e no olhar do “Pensamento Engajado” na preocupação patriótica precisamente numa reflexão sobre a condição humana dos moçambicanos e dos africanos na história, aliado ao Francis Kwame Nkrumah “África deve unir-se”.

## **Agradecimentos**

Ao meu supervisor Prof. Doutor Elísio Jossias que dizia: “*Na ciência é um lugar de debate por excelência com ideias fundamentadas*”, muito obrigado. Ao Doutor Jonas Mahumane ao qual admiro bastante pelo conhecimento invejável que carrega, assumo que vou seguir o seu caminho. Ao Mestre Adriano Biza, Mestre Johane Zonjo. A Doutora Margarida Paulo, que contribuiu com comentários úteis para a finalização deste trabalho. A Prof<sup>a</sup>. Doutora Sandra Manuel que me incentivou nos seguintes termos com uma água na mesa: “*A sociedade não é algo estática, ela é dinâmica então um estudante deve ser capaz de analisar as questões que nos rodeia*”. Ao Mestre Danúbio Lihahé, Prof<sup>a</sup>. Doutora Esmeralda Mariano, Mestre Emídio Gune, Mestre Hélder Nhamaze “Raízes da África” e ao Mestre Américo Zandamela.

Aos meus colegas de turma (2019), que se ofereceram em serem antropólogos sociais, ao Aleixo Buraimo, Sancha Munhequeto e Esmael Muamussa nossas discussões em comboio mecanicistas epistémicas, a minha luz Loide Nhaduco “diapásão em Clifford Geertz”, ao Alberto Júnior, Neto Milição, Carlitos Damião, Juvência Rubi e Raison Couve pelo incentivo com vosso teor vulgar na FLCS “detentor da ciência Sabonete”. Márcia Luís, Zaituna Insená, Sónia Tomás, Samira Bila, Nelzia Bastos, Josefa Gomacha (J.J), Marieta Mondlane, Tamar Mejo, Neyma Tsandzana, Yuran Macamo e a fonte constante moralista a Shirley Castro Maringue “Feminista Social Modernist@”.

A família os meus pais António Sabonete e Margarida Mualo ambos (*em memória*), pela minha socialização *owani* e apoio nos ritos de iniciação/*otakhani*. As minhas tias/tios Carlos Mualo, Boaventura, Irene Soares, Ana Mário, Stela Mário e Mukopo, pelo vosso apoio incessante.

Aos meus irmãos/as Neto, Amina, Bibiana, Euléria, e Eliseu Sabonete pelo incentivo e apoio, ele dizia: “*eu estou aqui em Niassa relaxado, você que é antropólogo deve estudar muito para o amanhã*”. Ao Nloko Mualo e Nicuma em Nampossa-Gilé na fortificação no cultivo das crenças locais em *makeya*. Kweihiwa, Muayine, Augusto, Muwalano (Luís Herculano e Mulapi), Maulinda, Eusébio e, a família em Namurra cota Bambela. E agradecer a natureza aliado aos meus antepassados e Nietzsche. Aos meus amigos James, Simango, Hilário, Agostinho/Frooz, Viegas, Odete Albano, Óscar, Magaia, Fidel, ao H. Plácido que me apoiou em obras antropológicas, a minha vizinha a dona Gilda e criança Neuza que me ensinavam Changana nos meus trabalhos.

## **Lista de Abreviaturas**

AHM	Arquivo Histórico de Moçambique
BNM	Biblioteca Nacional de Moçambique
CEA	Centro dos Estudos Africanos
DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
EN1	Estrada Nacional Número1
FADM	Forças Armadas de Defesa de Moçambique
PSK	Paulo Samuel Kankhomba
SNS	Serviço Nacional de Saúde
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

## **Glossário**

<i>A fambile ka nhanga</i>	Foi ao curandeiro
<i>Ekumi</i>	Estar de saúde
<i>Murompwe</i>	Termo usado para designar medicamento tradicional
<i>Muthiana Orrera</i>	Mulher bonita
<i>Machuabo</i>	Falante/s da língua chuabo
<i>Música machuabo</i>	Ritmo musical feito pelos falantes da língua chuabo
<i>Namuku</i>	Curandeiro local
<i>Namúli</i>	Termo usado na pesquisa para designar monte localizado na Província da Zambézia
<i>Otheka</i>	Bebida tradicional feita no centro e norte de Moçambique
<i>Shingondo</i>	Termo usado para designar pessoas do Centro e Norte de Moçambique
<i>Se virar</i>	Termo usado para alguém que procura formas de vida
<i>Xiques</i>	Coisa/s boas

## **Resumo**

Este trabalho trata das experiências, vivências e identidades em contexto de migração das pessoas provenientes da Zambézia que se fixam no bairro de Moganine “A” na Cidade de Maputo. O objectivo do trabalho é analisar como pessoas provenientes da Zambézia, que migram para a cidade de Maputo, constroem experiências, vivências e identidades. O material empírico que sustenta essa discussão resulta de quatro meses de trabalho de campo no bairro de Magoanine “A”.

Sendo assim, através do método etnográfico e com auxílio de algumas técnicas como a observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, uso fotográfico/gravação, grupo focal e estudo de caso, foi possível vivenciar, interagir e observar o dia-a-dia dos migrantes provenientes da Zambézia residentes em Magoanine “A” e outros habitantes, mergulhei nos seus espaços residências ou casas, caminhei nas suas ruas e acompanhei as vivências, relações de sociabilidade, vi momentos de lazer acompanhado com a música *machuabo* e a comunicação em língua Chuabo no quotidiano.

Problematizo os estudos até aqui realizados que apontam para a dificuldade de integração de pessoas provenientes da Zambézia na Cidade de Maputo, apontando para isso estereótipos que consubstanciam várias significações nos termos “*xingondo*” e “*xiviauna*”. Porém, defendo um olhar dos migrantes a partir das suas experiências, vivências e identidades durante a permanência na Cidade de Maputo.

Com isso, fundamento a análise de dados de pesquisa seguindo as propostas analíticas construtivistas e processualistas de (Cuche 1996; Dubar 2005; Da Conceição 2006; e Jossias 2007) que permitiram analisar em diversos ângulos as vivências, o processo de sociabilidade entre os residentes, assim como os elementos identitários com a música *machuabo* e a língua Chuabo.

**Palavras-chave:** *Migrantes; Bairro de Magoanine “A”; Zambézia; Cidade de Maputo; Vivências; Música Machuabo; Identidade.*



## **Índice**

<b>Declaração.....</b>	<b>i</b>
<b>Dedicatória.....</b>	<b>ii</b>
<b>Agradecimentos.....</b>	<b>iii</b>
<b>Lista de Abreviaturas.....</b>	<b>iv</b>
<b>Glossário.....</b>	<b>v</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>vi</b>
<b>Capítulo I: Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo II: Metodologia.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1. Caracterização espacial e social do local da pesquisa.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2. Descrição da Cidade de Maputo.....</b>	<b>10</b>
<b>Observação participante.....</b>	<b>14</b>
<b>Conversas informais.....</b>	<b>16</b>
<b>Uso fotográfico/gravação.....</b>	<b>16</b>
<b>O estudo de caso.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3. Aspectos éticos da pesquisa.....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo III: Da Zambézia a Maputo as experiências de vida.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1. As vivências de “ontem e hoje” dos migrantes no bairro de Magoanine “A”.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2. “Me sinto ser do Norte e Sul” a Sociabilidade.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3. A música “machuabo” e a língua chuabo como elementos de construção de identidade.....</b>	<b>34</b>
<b>Conclusões.....</b>	<b>40</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>42</b>

## Capítulo I: Introdução

O presente projecto trata das experiências, vivências e construção de identidades em contexto de migração da Zambézia para a cidade de Maputo, e analisa como é que decorrem as suas experiências, vivências e constroem as suas identidades.

O interesse pelo tema partiu desde que comecei a estudar Antropologia em 2019, sempre tive o desejo de estudar os grupos etnolinguísticos Moçambicanos. Além disso, cresci na Zambézia a ouvir as pessoas idóneas locais (os Makholo) quando bebiam *otheka* de que:

Os Lómués e Macuas, são grupos migrantes que pertencemos a nossa família linguística Bantu, os nossos ancestrais/antepassados vieram a monte Namùli e quando morremos o nosso espírito (munepa) volta donde viemos a direcção a oeste.

Por isso, o dogma local dos lómués e macuas tem se tido a seguinte: *Ninkhuma Onamuli, Onamuli Innotthikelawo* (Do Namùli viemos, Ao Namùli regressaremos). E como aponta Paredes (2014) estes grupos por pertencerem a família Bantu são caracterizados pela mesma forma gramatical, mesma origem das palavras, mesma estrutura de frases e períodos, por fim partilham os mesmos usos, costumes e vivências.

Esta tendência de migração também pode ser relacionada a que em Norte de Moçambique no lago Niassa as comunidades locais tem sublinhado que “os nossos antepassados vieram até aqui em busca de terras para fixar as suas residências, todos vinham como parte da mesma família” (Jossias 2022: 6).

O processo de migração da província da Zambézia para a Cidade de Maputo é da longa data. Este facto é sustentado por questões de guerra e a procura de melhores condições de vida, no entanto no caso do meu estudo estes migrantes enquanto chegam a cidade de Maputo residem no bairro de Magoanine “A”, onde produzem suas vivências e formas identitárias. Este ponto não foi investigado pelos estudantes de antropologia nem pelos antropólogos profissionais de modo a tentar-se analisar as suas experiências, vivências e formas identitárias desses migrantes provenientes da Zambézia.

A província da Zambézia, a segunda mais populosa de Moçambique, foi um dos locais onde a guerra dos 16 anos atingiu proporções enormes. Foram destruídas principais fontes de trabalho, a partir das quais uma parte da população obtinha a sua renda

(Araújo e Raimundo 1999 citado por Lia 2011: 4). Diante destes pressupostos, o cenário de migração por parte da população zambeziana para zonas mais tranquilas começou a acentuar-se consideravelmente. Dentro dos destinos dos migrantes zambezianos, estava a cidade de Maputo, a qual era uma das cidades menos afectada pela guerra e com um dos principais factores de maior significado para o actual estado de saturação das cidades onde acentua-se o êxodo rural do campo para as cidades, tendo lançado milhares de camponeses para fora das suas zonas de origem, e tendo como consequência fortes concentrações populações nas cidades (*Idem* 2011: 4).

Maputo é a maior cidade de Moçambique e no seu espaço urbano concentram-se e centralizam-se grande parte dos poderes políticos, administrativos e económicos que regem o país.

Desde o final da guerra que opôs a Renamo e a Frelimo, Maputo é o centro urbano de Moçambique que tem conhecido mais investimentos em termos de reabilitação de infra-estruturas e construção, para além dos investimentos noutros sectores económicos (Costa 2007).

Alguns estudos apontam para a dificuldade de integração de pessoas provenientes da Zambézia na cidade de Maputo, apontando para isso estereótipos que consubstanciam várias significações nos termos “*xingondo*” e “*xiviauna*” (Sitoe 2004). Por sua vez, Lia (2011) indica que a cidade de Maputo constitui o destino de muitas pessoas oriundas da província da Zambézia em busca de um “eldorado”. Porém, ainda falta saber como é que decorre todo o processo de experiências, vivências e identificação destes migrantes durante a permanência na Cidade de Maputo.

Este trabalho tem como objectivo principal analisar como pessoas provenientes da Zambézia, que migram para a cidade de Maputo, constroem experiências, vivências e identidades. Neste sentido, procuro descrever as experiências dos migrantes provenientes da Zambézia para a cidade de Maputo; analisar as suas vivências e relações de sociabilidade que os migrantes estabelecem no bairro de Magoanine “A” e procuro analisar a música “machuabo” e a língua chuabo como elementos de construção de identidade.

O trabalho acrescenta, com dados etnográficos, e subsídios dos estudos feitos em contexto de migração enquadrados na Antropologia, onde se destacam (Mirole 2013; Daniel 2014; Pedro 2008, 2022; e Velho 1994).

Um estudo feito por Mirole (2013), enquadrado na antropologia na cidade de Maputo sobre identidade em contexto de migração dos Macuas residentes no bairro da Mafalala aponta que as redes sociais desempenham um papel importante, os migrantes que se estabelecerão em Maputo há muito tempo, tem o papel de receber os novos migrantes para ajudar na sua integração.

Mirole (2013) concluiu que a partir das redes sociais criadas pelos migrantes, quer no local de saída assim como no local de chegada, é possível compreender as inter-ajudas por parte dos parentes, assim como amigos que ficam no local de saída desempenham um papel muito importante na vida destas pessoas na cidade de Maputo. Visto que estes estão em permanentes contacto com seus parentes e amigos no local de saída, onde estes contactos resumem-se em trocas perante de vários produtos por parte dos dois lados.

Também o autor constatou que através das redes sociais os novos migrantes que chagam a cidade de Maputo para ajudar a sua integração é através da língua que se identificam.

Como indica um dos seus interlocutores de Mirole (2013) da seguinte:

Para poder distinguir as diferenças entre nós de Nampula e outros grupos, é a partir da nossa língua, nos falamos de uma forma diferente, na qual se identificamos como natural da província de Nampula por causa da língua e a maneira de vestir.

De acordo com Mirole (2013) a explanação do migrante acima exposto, mostra que para poder distinguir os seus conterrâneos tem alguns traços na qual ele os identifica, como é o caso do sotaque, esta ideia remete-nos a ideia, da identificação de um determinado grupo de pessoas pela língua falada particularmente por estes indivíduos neste caso a língua macua.

Daniel (2014) no seu estudo realizado na vila de Ressano Garcia, que visava compreender o processo de construção de identidades sociais de indivíduos oriundos de Vilanculos (*matswa*) na condição de transeuntes, que escalam e de forma temporária residem na vila de Ressano Garcia. O autor no local constatou que não são só *matswa* (indivíduos oriundos de Vínculos província de Inhambane residentes temporário em

Ressano Garcia na condição de transeuntes), mas também estão indivíduos provenientes das províncias do Norte e Centro de Moçambique e de outras nacionalidades, que fixaram residências exercendo na sua maioria o comércio informal, juntos com os habitantes locais.

Ainda o autor constatou que há intenso movimento migratório onde indivíduos (*matswa*) por necessidade de melhor se prepararem para África do Sul vem-se na obrigação a residir temporariamente na vila, criando mecanismos de integração sócio-cultural transfronteiriço. A vila alberga indivíduos de origens e culturas diferentes criando nela o peso, devido abundância de mão-de-obra que com a falta de infra-estruturas económicas (empresas), fez surgir grupos sociais chamados *maliano e chelengue*. Sendo assim, através das relações socioculturais que decorrem na vila Ressano Garcia com os indivíduos de origens diferentes, o autor concluiu sustentando que a identidade torna uma celebração móvel formulada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados no meio social que vivemos. Assim sendo surge uma nova identidade fora do contexto cultural de cada individuo, mas com base no interesse comum.

Pedro (2022) no seu trabalho etnográfico enquadrado na antropologia onde faz análise das dinâmicas da etnicidade e da identidade nacional, a partir dos Makonde residentes no bairro Paulo Samuel Kankhomba (PSK), no distrito de Boane, no sul de Moçambique. O estudo indica que os marcadores que os Makonde utilizam para se afirmarem como Makonde e se diferenciarem dos outros grupos etnolinguísticos são os ritos de iniciação, o mapiko, e o Shimakonde. Apesar de estarem longe do seu contexto de origem, os Makonde procuram replicar os ritos de iniciação tal como eram feitos antigamente pelos seus ancestrais. Eles têm consciência de que estão longe da terra natal, mas mesmo procuram representar os ritos de forma simbólica (*Idem* 2022).

Ainda a autora sustenta ainda que “quando se pretende estudar a identidade étnica de pessoas que nasceram num lugar e depois se fixaram noutra por diversos motivos, é importante tentar perceber se mantem contacto com o seu lugar de origem, com que frequência e por que motivo” (Pedro 2022: 152).

No estudo de Pedro (2008) onde analisa “o papel das redes de parentesco na integração dos migrantes oriundos da Província da Zambézia na cidade de Maputo”. A autora

aponta que a migração interna espontânea constitui uma estratégia de sobrevivência face às assimetrias de desenvolvimento entre as diversas regiões de um país, pelo que os migrantes oriundos da província da Zambézia que se deslocam em direcção à cidade de Maputo com intuito de aceder à recursos e bens que não estão disponíveis nas suas zonas de origem. E em contexto de migração é notória a grande influência exercida pelas redes de parentesco no processo de integração dos grupos migrantes que se fixam na cidade Maputo.

Segundo Velho (1994) quando uma família migra de um país para outro, chegando ao destino dispara-se com enormes desafios, a começar pelo enquadramento na nova sociedade através da nova língua, os pais tendo o desafio de enquadrar-se no mercado de emprego, já para os filhos o desafio é de enquadrar-se nas escolas, assim os projectos familiares como individuais podem mudar de acordo com as indicações, encontradas no local de chegada, visto que as sociedades são dinâmicas, isto é, há um processo continuo de mudanças.

As suas trajectórias individuais ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projectos com objectivos específicos, a viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e intenção com outros projectos individuais ou colectivos da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (Velho 1994).

Verificou-se que os estudos feitos de (Mirole 2013; Daniel 2014; Pedro 2008; e Velho 1994) têm em comum a análise sobre as estratégias de sobrevivência dos migrantes e integração dos novos migrantes (através das redes sociais) e apontam para o facto de que estes migram principalmente em busca de melhores condições de vida na cidade. Sendo assim, a Antropologia como uma ciência que estuda a diversidade cultural e procura compreender a lógica que estrutura as práticas sociais, o meu trabalho em curso, está centrado na análise das experiências, vivências e identidades em contexto de migração associados aos migrantes provenientes da Zambézia para a Cidade de Maputo, no bairro de Magoanine “A”.

Este trabalho inspirou-se nas propostas analíticas de (Cucho 1996; Dubar 2005; Conceição 2006; Jossias 2007) que permitiram analisar as vivências, o processo de sociabilidade entre os residentes, assim como os elementos identitários com a música *machuabo* e a língua chuabo, entre os migrantes provenientes da Zambézia no bairro

Magoanine “A”. Para isso, as abordagens construtivistas de Cuche (1996) olha a identidade como uma construção social do âmbito das representações que os indivíduos fazem nos contextos sociais que determinam a posição dos agentes dentro de um determinado grupo social. E segundo Dubar (2005), uma identidade social, resulta da interacção do individuo com o meio em que a sociedade e os contextos dos indivíduos com os quais interagimos mudam.

O processo de construção de identidades sociais, segundo Daniel (2014), é compreendido a partir dos indivíduos que saem (emigração) das suas terras de origem, por várias causas que podem ser naturais, políticos, religioso e económico.

Quando falamos em identidade social, fica subjacente a ideia dos recursos existentes nas sociedades as quais os indivíduos recorrem para se identificarem ou as quais a sociedade recorrem para identificar os seus membros. Assim, Dubar (2005) distingue dois processos complementares na construção de identidade dos indivíduos: primeiro o processo de atribuição, o momento em que a colectividade tem usado categorias socialmente disponíveis e mais ou menos legítimo a níveis diferentes, onde destaca-se: denominações étnicas, regionais, profissionais, religiosas e neste processo o individuo não tem muito “espaço” para poder se auto-afirmar. O segundo processo é a interiorização, quando o individuo passa a assumir uma identidade que acha ser sua, porém, foi socialmente construída a partir de interacção deste com o meio social em que se encontra (*Idem* 2005).

Conceição (2006) sustenta que a identidade é consciência de si partilhado por um grupo, um sentimento que nasce da diferença reflectida e que pressupõe a posição. Por seu turno, Gred Baumann (1999) citado por Jossias (2007), sugere a utilização do conceito de “identificação” em vez de “identidade” uma vez que o conceito de identificação permite olhar as acções dos indivíduos no processo de constituição das formas de afirmação. Desta proposta interessa-nos a referência ao aspecto fluido das identidades. Para o autor as identidades são criações e recriações e por isso a sua análise deve ter em consideração o contexto onde as pessoas estão inseridas quando afirmam a sua identidade (Jossias 2007).

Por seu turno Cabral (2003) citado por Jossias (2007), propõe uma abordagem processualista da identidade e recusa diferenciar identidade individual da identidade

colectiva porque afirma que a “identidade social” pressupõe sempre a existência da relação. Dá por isso maior enfoque ao “contexto de avaliação” das identidades e considera que a produção de identificação e diferenciações está sempre inscrita dentro de um contexto de referência.

Com as abordagens construtivistas e processualistas da identidade permitiu analisar as formas identitárias assim como as vivências dos migrantes provenientes da Zambézia, em seus momentos particulares e colectivos.

A monografia encontra-se estruturada da seguinte forma a saber: Na primeira parte introdutória; No segundo capítulo é estendida a metodologia; No terceiro capítulo em forma de apresentação e análise de dados da pesquisa; Na última parte mostra-se as conclusões da pesquisa.



## **Capítulo II: Metodologia**

Neste capítulo apresento o local onde a pesquisa foi realizada, as etapas da pesquisa, método e técnicas usadas na pesquisa de campo, constrangimentos na pesquisa de campo e aspectos éticos da pesquisa.

### **2.1. Caracterização espacial e social do local da pesquisa**

A escolha do bairro Magoanine “A” para este estudo resulta o facto de ser um bairro que recentemente tem recebido pessoas provenientes da Zambézia. Neste bairro localiza-se uma pista de controlo de voos (aviões) que pertence ao Aeroporto Internacional de Mavalane. O solo deste bairro é arenoso de fácil em inundações no período chuvoso, estradas são de terra abatida. Possui um posto de saúde, posto policial, escola primária, uma escola secundária designada “Escola Secundária Graça Machel” e recentemente foi inaugurada uma nova mesquita. Como em muitos bairros de Maputo, as margens da estrada contem barracas e pequenos improvisos de bancas.

O bairro possui água canalizada, energia eléctrica, os tipos de casas predominantes são feitas de chapas de zinco, quintais de espinhosas e outros de blocos de cimento, as árvores mais comuns são de mafurreiras e mangueiras.

As pessoas quando chegam da Zambézia desenvolvem as suas actividades no sector informal fazendo pequenos negócios como venda de redes mosquiteiras, amendoim torrado, castanhas, roupa usada (calamidade), pequenos cultivos de machamba e outras profissões que são exercidas são os ofícios que foram aprendidos na zona de origem e no local de chegada.

Segundo os mais velhos do bairro, o velho Massinga, natural de Maputo (Marracuene) que vive neste bairro desde anos 2000 e Cota Mucucu, um antigo combatente que foi o primeiro homem proveniente das províncias do Norte (Malema/Gurué) a viver e fixar casa neste bairro como migrante nos anos 1980/1, contaram que o bairro de Magoanine “A”, especificamente o quarteirão 16, tornou-se como um lugar de chegada e vivência por pessoas provenientes da Zambézia por volta dos anos 1990 e 2000 para cá, mas grande afluência é a partir do ano 2010 até hoje.

Estes indicam que no principio alguns homens provenientes da Zambézia, maioritariamente falantes da língua Chuabo ou Tchuabo chegaram no bairro nos anos

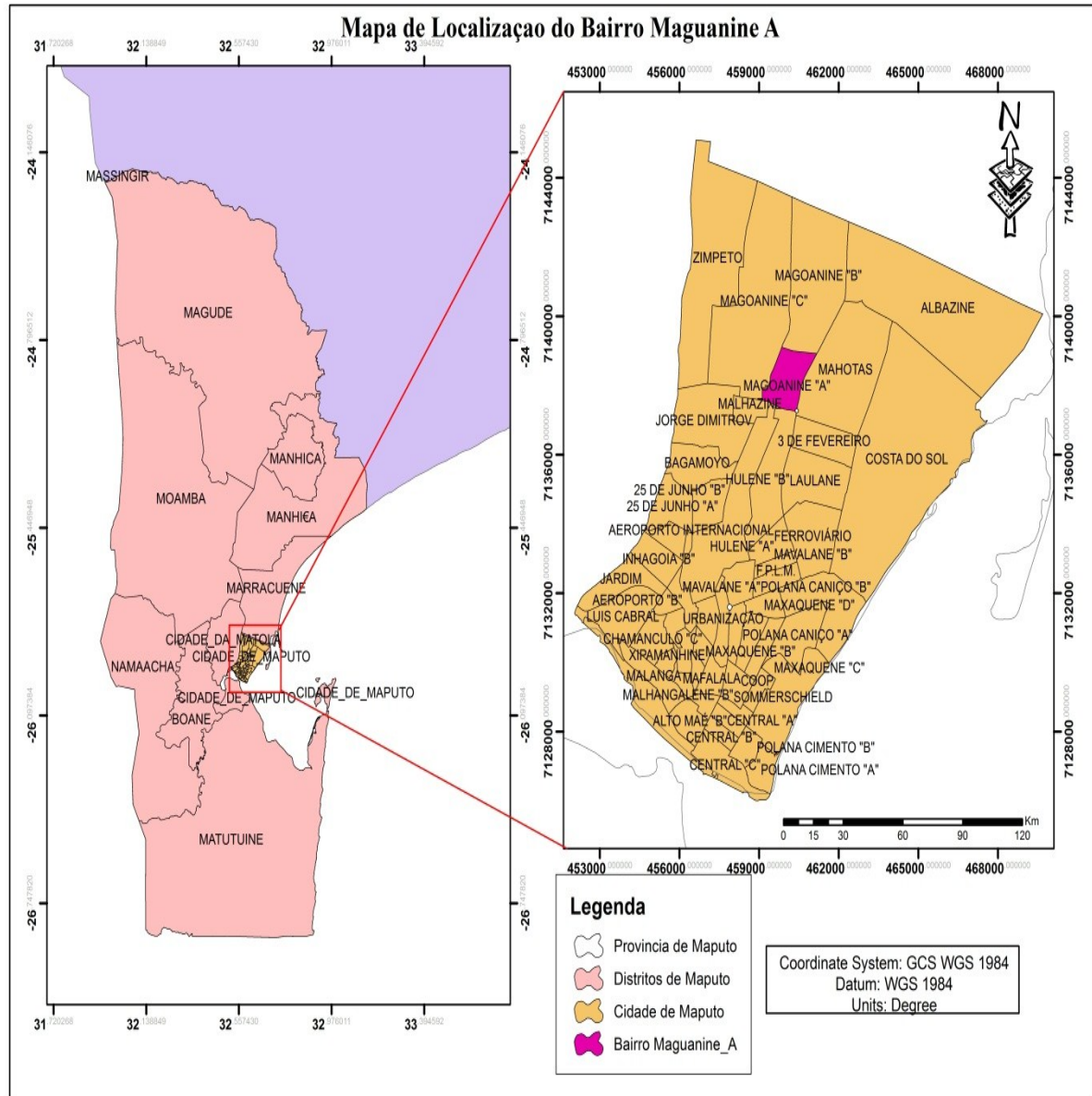
2010 e arrendar casas, depois de algum tempo cada um ligava para a sua família lá na zona de origem em pedir para ser procurado uma mulher para casar, depois de ser procurada a mulher mandava para subir machibombo até chegar a Maputo através de comunicação telefónica Ihe orientava para descer na paragem de Missão Roque ou então no terminal dos transportes interprovinciais da Junta da cidade de Maputo e daí vinha até a Magoanine “A”. Também através de comunicação telefónica por parte dos amigos, família e conterrâneos que se encontram na província da Zambézia começaram a chegar a Maputo 1, 2, 3 sucessivamente até ficaram muitos neste bairro. Nas falas do velho Massinga e Cota Mucucu diziam “onde vive um machuabo outros correm para estar lá” é o que acometeu no aparecimento dos outros deste bairro.

Uma outra explicação é que as pessoas provenientes da Zambézia que vivem actualmente em Magoanine “A” uns falam a língua Chuabo e, esses são chamados *Machuabos*, que são a maioria, e os que falam a língua *Elomwe*, estes são chamados Lómués que é um pequeno numero dos viventes neste bairro.

Vivem aqui porque há fácil acesso de casas de arrendamento para habitarem enquanto trabalham ou fazem seus negócios (boladas) e aqui decorrem diversas formas de sociabilidade e identificações.

É importante sublinhar que a ocupação de espaço e construção de casas não foi feita tendo como base apenas dos migrantes provenientes da Zambézia, nem todos provenientes da Zambézia estão próximos uns aos outros mas outros vivem próximos. Nota-se uma mistura. Por exemplo a casa da família onde os migrantes zambezianos compravam cerveja, açúcar e outros produtos é na casa de uma família da província de Maputo e outro da província de Gaza.

**Fig 1:** Mapa de enquadramento Geográfico de Localização do Bairro Maguanine “A”- adaptado pelo autor e estudante Lozane através de Coordinate System em Setembro de 2023.



## 2.2.Descrição da Cidade de Maputo

O Município da Cidade de Maputo, actual capital da República de Moçambique, fica localizado no extremo sul do país, ao Norte do estuário do Rio Maputo. A sua delimitação geográfica abrange uma área de 466 km<sup>2</sup> a Norte e Sul da baía de Maputo, onde desaguam os rios Tembe, Matola, Umbeluzi e Infulene.

No passado o território encontrava-se sob jurisdição do régulo Maputyo, filho do régulo Nuagobe da Catembe e incluía, dentro da sua área, as terras situadas na margem direita do Rio Maputo, desde Inhaca, ao Norte até as terras de Sangandade e Mepelenda. O local era então conhecido, entre os naturais, por ka-nfumo que em ronga significa centro administrativo (Lobato 1970 citado por Chiquele 2009).

Na mesma linha (Labato 1970 citado por Chiquele 2009) aponta que no século XIX, D. João III, ordenou que o local passasse a chamar-se Lourenço Marques em memória a um dos marinheiros de Vasco da Gama, porém entre a população africana o local ficou conhecido por Xiluguine, o que significa casa dos brancos em ronga. A povoação foi criada pelo regimento de 25 de Novembro de 1781, elevado à categoria de Vila em 19 de Dezembro de 1876 e ao estatuto de cidade a 10 de Novembro de 1887.

Administrativamente, a cidade é um município com estatuto de província desde 1980, não devendo se confundir com a província de Maputo, subdividida em sete unidades administrativas autárquicas ou distritos municipais (Alberto 2015). Por sua vez, esses se encontram divididos em bairros. Possui um governo eleito democraticamente desde 1998, ano em que se realizaram as primeiras eleições autárquicas.

A cidade de Maputo possui uma posição central em termos de infra-estruturas, actividade económica, educação e saúde. Concentra a maior parte dos serviços e sedes dos grandes grupos económicos, empresas públicas e privadas. Embora concentre apenas 5,4% da população do país, a cidade de Maputo é responsável por 20,2% do PIB moçambicano, sendo os sectores de comércio, transporte, comunicações e indústria manufactureira, os mais significativos, contribuindo, respectivamente, com 29,6%, 29,5% e 12,4% da produção nacional, de acordo com o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano, de 2006 [...]. E todas as sedes do governo, diplomáticas e das principais empresas se encontram concentradas na cidade de Maputo (Alberto 2015: 63).

### **Etapas da pesquisa**

A pesquisa obedeceu três etapas, sendo que a primeira etapa foi a pesquisa exploratória em Novembro de 2022 em que caminhei no bairro Magoanine “A” onde vivem as pessoas provenientes da Zambézia, neste período vi as práticas dos migrantes e ganhei interesse em pesquisar aquele grupo dos migrantes. Seguidamente nas férias de verão

deixei de ir a praia da costa de sol comer *magumba*, e iniciei o desenho da pesquisa e revisão da literatura de livros, artigos e dissertações relacionados ao meu tema. O trabalho de campo decorreu entre Novembro a Dezembro de 2022 e prolongou-se até o primeiro semestre de 2023.

Os materiais usados na revisão da literatura foram encontradas plataformas digitais na internet e em algumas bibliotecas da cidade de Maputo, o caso da biblioteca do departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), biblioteca central Brazão Mazula e biblioteca do Centro dos Estudos Africanos (CEA), ambas localizadas na UEM. Outros estudos foram consultados na biblioteca Nacional de Moçambique (BNM) e no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM).

Na segunda etapa da pesquisa realizei a etnográfica, no bairro de Magoanine “A”, nas casas das pessoas provenientes da Zambézia, em alguns locais de lazer e nas ruas do bairro. Quando entrei no campo estiveram envolvidos na pesquisa as pessoas provenientes da Zambézia e pessoas mais velhos do bairro. Os interlocutores desta pesquisa foram homens e mulheres com a idade compreendida entre os 30 a 60 anos, e desenvolvem actividades no sector informal como (vendas de boladas entre outros).

Os interlocutores foram identificados através de um processo de “bola-de-neve”, o que possibilitou também a constatação das suas interacções, relações de sociabilidade e as vivências dos migrantes. Observei o quotidiano das pessoas, as suas formas identitárias como no uso da língua chuabo nas comunicações diárias e a dança da música *machuabo* nos momentos de lazer, convívio em grupo e particular.

A terceira etapa e a última da pesquisa decorreu a apresentação e análise dos resultados da pesquisa. Para a apresentação e análise de dados considerou-se o estudo de Geertz (1989) foi relevante quando refere que, o etnógrafo deve ser capaz não só de recolher e descrever, mas sim analisar os dados dentro do contexto em que são produzidos e interpretar os seus significados dentro desse contexto, sem cair no erro de aplicar conceitos universais que possam deturpar o significado real dos dados.

A importância do texto final reside no fato de que o relatório final de pesquisa, na medida do possível, deve almejar transmitir ao leitor a sensação de estar no campo, passando ele mesmo pela experiência do contacto com os nativos (Giumbelli 2002 citado por Mário 2020).

Para isso, no processo de análise de dados e com base nos aspectos comuns dos dados colhidos no campo, criei títulos que organizei em cinco (4) secções nomeadamente: Da Zambézia a Maputo as experiências de vida; As vivências de “ontem e hoje” dos migrantes no bairro de Magoanine “A”; “ Me sinto ser do Norte e Sul” a Sociabilidade; A música “machuabo” e a língua chuabo como elementos de construção de identidade. E por fim as concussões da pesquisa desenhei todos pontos relevantes dos dados recolhidos durante o trabalho de campo e coloquei a propostas das futuras pesquisas onde podem se explorar.

### **Método e técnicas usadas na pesquisa de campo**

Durante o meu trabalho de campo usei o método etnográfico seguindo passos sugerido por Calado (2015), quando sustenta que a pesquisa etnográfica o pesquisador insere-se na ideia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares e a mesma pesquisa exige um mergulho em profundidade. Na mesma realização do trabalho de campo antropológico olha, ouve e escreve o que acontece no campo durante a pesquisa como aponta De Oliveira (2006:18). Sendo assim, o método etnográfico que constituiu em ir ao campo para observar e vivenciar o dia-a-dia dos migrantes provenientes da Zambézia residentes em Magoanine “A”, mergulhei nos seus espaços residenciais ou casas, caminhei nas suas ruas e acompanhei as vivências, relações de sociabilidade, vi momentos de lazer acompanhado com a música *machuabo* e a comunicação em língua chuabo no quotidiano.

Laplatine (2003) refere que o antropólogo Bronislaw Malinowski foi o primeiro a conduzir uma experiência científica etnográfica, na qual estudou de perto e de forma profunda outras sociedades, como em seus estudos nas Ilhas Trobriand entre 1914 a 1916. Com Malinowski, a antropologia ignora o evolucionismo e se torna uma ciência da alteridade se dedicando ao estudo das lógicas particulares de cada cultura.

O meu trabalho etnográfico desenvolveu-se com recurso a observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, uso fotográfico/gravação, grupo focal e estudo de caso nisso desataco e demostro no uso de cada deles a seguir:

## **Observação participante**

A observação participante permitiu-me entrar no campo na área onde vivem as pessoas provenientes da Zambézia no bairro de Magoanine “A”, tendo iniciado a observação no trabalho de campo em Dezembro de 2022 e prolongou-se para Abril, Maio e Junho de 2023. Tive informações com alguns amigos que o bairro de Magoanine “A” existem alguns migrantes provenientes da Zambezia que vivem neste bairro. Sendo assim, a minha entrada no bairro de Moaganine “A” para desenvolver o meu trabalho de pesquisa, quando cheguei fui ter com os mais velhos do bairro que conhecem o historial local e esses por sua vez me indicaram para ir numa casa vizinha do Sr. Clemente e que lá o dono da casa é o responsável que acolhe outros seus conterrâneos ou amigos da Zambézia e ele tem muito conhecimento sobre processo de migração das pessoa que saem da Zambézia.

Deste modo, segui os conselhos dos mais velhos do bairro, fui até na casa do Sr. Clemente apresentei-me que sou estudante da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e pretendia realizar pesquisa com as pessoas provenientes Zambézia residentes neste bairro Magoanine “A” e, ele ficou bem alegre me recebeu e aceitou o meu pedido, também me informou que ele era a pessoa apropriada para dar algumas explicações porque ele é “Zambeziiano Muana Mutchuabo”<sup>1</sup>.

A partir daquele momento em que o Sr. Clemente disse: “fica livre” e estabeleci interacções com os membros do bairro os mais velhos nativos de modo a conhecer breve historial do bairro e no que consiste os anos da chegada dos migrantes provenientes da Zambézia no bairro Magoanine “A”, tal como nos ensina Boas (2006) de que durante o trabalho de campo é necessário olhar a trajectória histórica da sociedade e não apenas o presente. Depois de conhecer o breve historial do bairro, comecei a estabelecer observações no dia-a-dia, ao conversar, assistir actividades praticadas, ver e partilhar alguns momentos com eles como a dança da música *machuabo* e isso permitiu ver as pessoas ao se comunicarem diariamente com a sua língua da terra de origem chuabo. Também a se comunicarem com os vizinhos e amigos não zambezianos usando a língua portuguesa.

---

<sup>1</sup>Significa filho Zambeziano Machuabo.

A observação participante foi fundamental, acompanhei a vida dos meus interlocutores no dia-a-dia registrando os dados no meu caderno de nota que chamo caderno “antiquário”, de modo a evitar esquecimento ou deixar de lado qualquer aspecto de campo que poderia ser relevante para compreender o fenómeno em estudo.

As observações decorreram nas sextas-feiras, sábado e domingo. Nestes dias encontrava as pessoas na rua sentadas a conversar ou na casa do amigo, ao beber cerveja e sempre escutando e dançando a música *machuabo* que são certos ritmos musicais relacionados ao povo ou grupo da Zambézia especificamente os falantes da língua Chuabo.

Qualquer pessoa que aproxima estas pessoas provenientes da Zambézia e pede alguma coisa ou cumprimenta estes tratam-nos como “irmão”, mesmo quando sabem do nome da pessoas preferem “irmão”, e assim que me tratavam. Estes acreditam que ao chamar alguém “irmão” é uma forma de mostrar respeito as pessoas, em contraste não é comum chamar pelo nome próprio da pessoa.

Ainda na minha observação notei que em algumas pessoas, não provenientes da Zambézia, chamam das pessoas provenientes da Zambézia no Centro e Norte de Moçambique designando de “Machuabos”, “Maquelimane” ou “Shingondos”.

Lembro-me no dia 10 de Maio de 2023 enquanto estava no meio meus interlocutores numa espécie de diversão tocando as suas músicas da terra de origem música *machuabo* eles dançavam num circulo ao girar e um tempo depois falaram “você também irmão deve entrar aqui no meio dançar essa nossa música” dai entrei ao meio partilhei um toque de dança imitando os passos deles no mesmo espaço e no fim bateram palmas dizendo “é assim que nós machuabos somos aqui em Maputo, divertimos e convivemos como se estivéssemos lá na terra, não podemos ter vergonha o que somos”. Sempre que dançavam elogiavam as músicas ao terminar tocar mas a música do cantor Suraj<sup>2</sup> consideram como mau (bom) e as suas músicas são mais tocadas no dia-a-dia nas aparelhagens de casa ou nos telefones andróides ao caminhar na rua, para mercado ou

---

<sup>2</sup> Suraj é um cantor da Zambézia que alegra as pessoas por cantar as suas músicas em língua local chuabo/echuabo. A música que consideram mau (bom).Disponível em: <https://youtu.be/81qOD2VPnNs?si=hSkgrnlhxZph9D0x>. (Acesso em: 22 de Junho de 2023).



trabalho (nas boladas) como espécie de diversão e lembrar as identificações da terra de origem.

O convívio com os meus interlocutores possibilitou-me ver e ouvir os factos directamente de onde decorrem e, por essa via, participar em seus eventos, frequentar os mesmos espaços e ter um envolvimento em suas rodas de conversas (Velho 2003).

### **Entrevistas semi-estruturadas**

Este tipo de entrevista foi feito com o intuito de recolher dados de experiências dos migrantes, desde a saída dos seus locais de procedência até a cidade de Maputo. Permitiu deixar as pessoas falarem qualquer aspecto sobre as suas experiências até suas as vivências na cidade de Maputo e as entrevistas decorriam nas suas casas por baixo da árvore da mangueira ou na mafuirreira. Para os autores contemporâneo como Marconi e Lakatos (2003), apontam que este tipo de entrevista permite ao entrevistador ter liberdade para desenvolver cada questão que considere adequada. Ou seja, a entrevista semi-estruturada permite que não limitemos os nossos entrevistados em termos de informação, permitem ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão ricas e sua caracterização por um contacto directo entre o entrevistador e os seus interlocutores.

### **Conversas informais**

As conversas informais decorriam na rua do bairro Magoanine “A”, ao caminhar conversando com os meus interlocutores sobre a diversão com a música *machuabo*, preferência no uso da língua chuabo entre conterrâneos e no uso da língua portuguesa com vizinhos e amigos não zambezianos. As conversas decorriam nas noites, tardes e alguns dias constituíram em caminhada ao conversar até em Malhazine o local onde decorrem diversões com outros seus amigos zambezianos, não só.

### **Uso fotográfico/gravação**

Estes o seu uso foi no momento em que conversava com alguns interlocutores, então algumas conversas eram gravadas de modo nada possa escapar e as fotografias no momento em que falavam sobre as suas vivências os meus interlocutores diziam “coloca no papel do seu trabalho as fotografias para mostrar lá onde vai apresentar no trabalho” com isso tirava suas casas, hortas e locais de diversão.

## **Grupo focal**

Esta técnica foi usada com um grupo durante várias semanas, o grupo ficava reunido na casa de um amigo composto por seis (6) pessoas ao se divertir escutando a música *machuabo*, aqui entre as seis pessoas, o Clemente, Gildo e Manuel dançavam enquanto os restantes três pessoas escutavam a música sentados prestando atenção o ritmo da música e ao acenarem a cabeça numa espécie de seguir a mensagem da música. Aqui nesse grupo focal teve se em conta a que Leach (1982) sublinha dizendo que o pesquisador deve falar com os interlocutores [...] sobre o que eles fazem e dizem. Então os meus interlocutores descreviam o significado da música *machuabo* nas suas vidas quotidianas e no momento em que dançavam entre si, numa espécie de diversão (re) pensado na terra de origem.

## **O estudo de caso**

Este estudo, a que chamo estudo de caso ou situacional como aponta Gluckman (1987), usei no dia em que fui convidado em assistir um evento de troca de presentes entre as mulheres residentes no bairro de Magoanine “A”. O foco neste estudo foi direccionado a um grupo de mulheres num evento e pude colher detalhes de compreensão de existência de relações de sociabilidade entre as mulheres do bairro. Também usei a técnica nas casas de alguns migrantes numa forma detalhada ao aprofundar no “uso” da música *machuabo* e a língua chuabo no quotidiano.

No estudo de Yin (2001) aponta que o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes, nisso a pesquisa de estudo de caso pode incluir tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos. Assim no meu estudo no caso único do evento de troca de presentes permitiu situar o evento de troca de presentes das mulheres e outras normas que lhes ligam no quotidiano.

Tal como Gluckman (1987) no seu estudo sobre a análise situacional, refere que as relações entre africanos zulus e brancos do norte da Zululândia, baseando-se em dados colectados durante sua pesquisa de campo, realizada entre 1936 e 1938. O autor especifica as suas relações com o sistema enquanto um todo. E, descreve uma série de eventos conforme foram registados por si num único dia, e denomina tais eventos conforme foram registados por si num único dia, e denominou tais eventos de

“situações sociais”, pois procura analisá-los em relações com outras situações no sistema social da Zululândia. O autor aponta:

As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições daquela sociedade (Gluckman 1987).

Assim, adota o método de estudo de caso detalhado, que o próprio Gluckman denominou *extended-case method*. Para Gluckman (1987) uma situação social é entendida como o comportamento em algumas ocasiões, de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões. Desta forma, sua análise revela o sistema de relações subjacente entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social, o meio ambiente físico e a vida quotidiana dos membros da comunidade.

### **Constrangimentos na pesquisa de campo**

Neste trabalho de campo encontrei alguns constrangimentos que foram ultrapassados. Primeiro um jovem amigo chamado Papo que se voluntariava acompanhar-me e me indicar nas casas das pessoas provenientes Zambézia em Magoanine “A” realizando o meu trabalho de campo, ele acabou falecendo por acidente, esse sempre que lhe encontrava na sua barbearia dizia “Filosofo Sabonete não me esqueça na tua pesquisa de campo, eu gosto aprender” mesmo sabendo que eu não sou filósofo mas sim Antropólogo continuava-me chamar Filosofo. Na falta dele e com dores frustrante na morte dele me tirou lágrimas e depois tive que me adaptar desenhei os meus planos em entrar no campo sozinho.

Segundo, quando escrevia no meu diário de campo, os filhos dos meus interlocutores pensavam que sou professor do ensino secundário de língua Portuguesa e História, e pediam-me ajuda para resolver os seus exercícios da escola. Neste sentido, estive ciente do debate da sala de aula ao lado da minha colega Loide Nhaduco quando a nossa professora Dr<sup>a</sup>. Sandra Manuel e nas notas de Cossa (2020) que abordam na antropologia sobre “ajudar ou não enquanto o pesquisador realiza o seu trabalho de campo as comunidade”, no qual não há um consenso sobre o ser ou não ser correto/ou

ético, e eu me questioneei que decisão poderia tomar naqueles dias em que era pedido em ajudar em resolver alguns trabalhos da escola dos alunos dos seus 13 e 16 anos de idade.

E, comecei a reflectir se o pedido era um meio para garantir informações fidedignas durante o trabalho de campo? Ou será que estava sendo posta a prova a minha fidelidade? E os filhos (alunos) esperavam a minha reacção perante o pedido de lhes ensinar os seus trabalhos e as minhas interrogações eram tantas, então informei novamente que não sou professor mas sim estudante pesquisador da UEM mas tomei a decisão em lhes ajudar em resolver os seus trabalhos que falava sobre: “O início da guerra de libertação em Moçambique e os seus efeitos”. Sobre essa decisão que tomei não foi para garantir informações fidedignas na minha pesquisa com os pais mas sim pela minha consciência em me colocar no outro, por saber que o outro me precisa, também os antropólogos sabem muito bem da “alteridade” então tomei.

### **2.3. Aspectos éticos da pesquisa**

Conforme indica Colonna (2012) um trabalho de pesquisa deve sempre se preocupar em dar atenção a aspectos éticos. Neste trabalho observei o uso do consentimento informando como um dos mecanismos éticos da pesquisa, foram entrevistados indivíduos com idades entre o intervalo dos 30, 41 e 60 anos, deu se conhecer aos interlocutores o direito de participar e não da pesquisa. Assim como fez-se um esclarecimento sobre os objectivos da pesquisa logo nos primeiros dias que entrei no campo e para que fim ela se destina.

Fez-se pedido a uma autorização para a gravação das conversas, tirar fotografias e atribuir nomes fictícios em alguns interlocutores, mas outros nomes são verdadeiros como Velho Massinga, Cota Mucucu, Alexandre, Gildo, Nolita e Clemente estes demonstraram não terem problemas em mencionar os seus nomes verdadeiros no trabalho, aliás segundo eles diziam era importante demonstrar a relevância das ideias dos mais velhos do bairro, por isso é preciso colocar nome verdadeiro sem ocultar quem falou a ideia X, e se os próximos pesquisadores que lerem o meu trabalho se quiserem chegar no bairro Magoanine “A” terem noção de que existem pessoas que pensam dessa forma.

### **Capítulo III: Da Zambézia a Maputo as experiências de vida**

Neste capítulo apresento as experiências de vida de Alexandre e Clemente migrantes provenientes da Zambézia com quem tive maior interação durante a pesquisa de campo, onde eles descrevem as suas experiências a vinda a Cidade de Maputo.

A sua decisão de migrar da Zambézia a Maputo as suas motivações e preferências em migrar decorrem através dos contactos telefónicos com amigos conterrâneos e parentes fixados na cidade de Maputo, estes apoiam os migrantes.

O apoio ou orientação de amigos conterrâneos e parentes já estabelecidos na cidade de Maputo, decidem os migrantes viajarem para essa cidade em busca da materialização dos seus sonhos de conhecer a cidade de Maputo, conseguir emprego e perpetuar as diversas actividades desenvolvidas na província da Zambézia, com mais incidência para o trabalho como vendedores ambulantes nas ruas e mercados da cidade de Maputo. Chegados à cidade de Maputo, alguns destes indivíduos ficam desencantados pela difícil ou não materialização daquele imaginário, e diante desse cenário definem novos imaginários e reconstróem suas perspectivas de vida.<sup>3</sup>

Tal como referência Monteiro (2015) citado por Mário (2020), o trânsito entre a “cidade pequena” e a “cidade grande” tem bastante relevância no que se refere às experiências vivenciadas nestes dois espaços, que podem ser classificadas como sendo experiências de valores distintos, de aprendizado de novas formas de comportamento e, de modo geral, de aspectos de uma identidade em transformação, modelada pelo convívio social nesses espaços com lógicas diferentes.

Alexandre, natural de Quelimane descreve a sua experiência da Zambézia a Maputo, saiu de Quelimane no dia 01 de Outubro de 2016, ao longo da viagem na estrada nacional número1 (EN1) dormiu numa pequena vila que não registou na mente o nome da vila e chegou a cidade de Maputo no dia 03 de Outubro de 2016, era sua primeira vez a vir e conhecer a Maputo (ao vir tinha imaginário de conhecer a cidade e trabalhar aqui), ele vinha pela primeira vez.

Chegou em Maputo através de convite estabelecido telefonicamente pelo seu amigo conterrâneo Ramos que vive na cidade de Maputo pela longa data.

---

<sup>3</sup> Conversa desenvolvida por Gildo numa sentada no seu quintal em Maio de 2023.

Alexandre ao chegar a cidade de Maputo no dia 03 de Outubro o seu conterrâneo Ramos que tinha-lhe chamado para vir a Maputo desligou o seu telefone e Alexandre não conhecia ninguém nesta cidade de Maputo a quem devia-se recorrer, daí Alexandre ficou interrogado o que fazer, onde hospedar para dormir e comer? Dai enquanto estava na Junta no terminal dos transportes interprovinciais procurou aproximar no posto policial localizada naquela zona e quando chegou ao posto policial se apresentou e foi recebido dum bom jeito “quando cheguei no posto policial um oficial me deu um espaço de dormir, me deu jantar, eu não esqueço naquele dia” segundo as suas palavras. Na mesma noite aquele oficial da policia que lhe deu espaço de dormir e jantar ao Alexandre pediu o número de Ramos o conterrâneo de Alexandre a quem lhe fez vir a Maputo e desligou o telefone, Alexandre deu o número e o oficial começou “a tentar, tentar ligar para aquele numero mas nada, não chamava, só vinha liga mais tarde”.

Quando amanheceu o oficial lhe levou o Alexandre para a casa dele fora dali no posto policial que era no serviço e quando chegou na casa do oficial lhe deu água de banho e comida comeu. O Alexandre enquanto estava na casa daquele oficial chegou um amigo do oficial e logo o oficial lhe contou o amigo a situação do Alexandre de que ele foi chamado vir a Maputo pelo seu conterrâneo e quando chegou aqui a Maputo o tal conterrâneo desligou telefone e ele não tem um sítio para ficar. Então o amigo do oficial depois de ser contado a situação de Alexandre ele disse: *Se o Alexandre consegue se virar tenho um quarto e sala lá na Santa Isabel, pode ele ir estar a dormir lá*, então Alexandre com a felicidade ao ouvir essas palavras aceitou ir viver lá e ficou lá durante um tempo a se organizar, então é quando o Alexandre disse “homem é homem”, ao viver lá na Santa Isabel. Dai se organizou até conseguiu as suas próprias condições financeira depois mudou de viver lá na Santa Isabel e agradeceu o dono da casa por gesto nobre que lhe fez.

Depois de ter saído na Santa Isabel alugou uma casa em Magoanine “A” onde se fixou enquanto trabalhava no Zimpeto onde conseguia o seu pouco ganha-pão, daí chamou a sua família (composto por filhos e a esposa) da Zambézia a Maputo. Ele preferiu alugar casa em Magoanine “A” através dum seu amigo electricista, um seu conterrâneo que vive neste bairro, daí ele também passou a viver aqui e aqui encontrou outros seus conterrâneos da Zambézia gostou.

Para isso, Alexandre sublinha que não foi um “zambezião” que lhe ajudou quando chegou a Maputo nos primeiros dias como previa enquanto vinha, mas sim foi um Machangana que lhe apoiou nisso ele aponta que “o ajudar e relações sociais não tem fronteiras” e disse a partir desse dia aprendeu que a pessoa não pode ter orgulho ou racismo com as pessoas, se não a pessoa pode dormir na rua. A ajuda que o Alexandre recebeu colocou nas mãos de Deus sendo ele é quem mandou tudo o que aconteceu.

Alexandre referêcia que quando foi viver na casa de Santa Isabel o dono da casa o tal amigo do oficial lhe deu duas panelas, 10kg de arroz, 2 litros de óleos e 1 fugão ele não tinha dinheiro então quando lhe deram esses produtos ficou satisfeito. Então lá na Santa Isabel o dono da casa lhe perguntou o que você sabe fazer? Ele respondeu “sou pedreiro, sei construir casa”, então lhe testaram o Alexandre, o dono da casa disse “como você é pedreiro nessa casa onde estará a viver não tem casa de banho nem latrina, só vou comprar blocos e cimento vais construir”, dia seguinte o dono da casa comprou cimento e blocos e o Alexandre conseguiu construir ao longo da semana terminou e o dono gostou.

A primeira particularidade que foi perguntado ao Alexandre foi o que ele sabe fazer na vida, na óptica de Alexandre a pessoa não pode ser homem só sair dum sítio para outro sem saber fazer nada. O ser pedreiro ele aprendeu na sua terra de origem enquanto estava lá em Quelimane construía casas. Tudo o que Alexandre contou a sua experiência a chegada na cidade de Maputo e a sua recepção nas suas palavras aponta que “existem pessoas de bons corações aqui em Maputo, só depende do comportamento da pessoa que precisa de ser ajudado, como se apresenta com as pessoas”.

Ainda Alexandre conta que depois de ele estar bem (ter conseguido se adaptar), o numero daquele seu amigo conterrâneo Ramos que estava com telefone deligado, então liga para Alexandre disse o telefone dele não tinha carga e Alexandre disse “Ok, mas você sabia o telefone não tinha carga, o que custava emprestar um telefone colocar o teu cartão para pedir ligar ou dar sinal ou enviar mensagem porque aqui em Maputo mesmo a pessoa pedir aqueles jovens de M-pesa dizer tenho esse número preciso enviar mensagem eles ajudam”.

Alexandre enquanto contava sobre a sua experiência a vinda a cidade de Maputo sublinhou que quando a pessoa sai da Zambézia para a cidade de Maputo vem para “a

busca de recursos de sobrevivências” e, não só quem sai da Zambézia mas qualquer homem quando se desloca visa a busca do bem-estar. Na óptica de Alexandre um homem com objectivo não pode ficar sentado deve andar para outro lado (aquilo que dizem na escola que os primeiros homens eram migrantes/nómadas), então é através do deslocamento/migração quando uma pessoa chega outro lado fora da sua terra começa a mostrar no Whatsapp ou no Facebook a publicar (coisas), para outros verem que a pessoa esta noutra lado.

Clemente, de 41 anos de idade, natural de Namacurra, enquanto estava no meio dos seus amigos conterrâneos que sempre apareciam na sua casa contava frequente a sua experiência de vida.

Quando estava em Namacurra fazia alguns negócios no contexto local como carvão e venda de arroz mas no ano de 2014, decidiu sair da Zambézia para a cidade de Maputo por solicitação do seu irmão (família) que vivia em Matola C João Mateus e lá Clemente ficou um período depois mudou para Magoanine “A” porque conhecia um seu conterrâneo que vivia neste bairro de Magoanine “A”.

Quando chegou a Maputo quem lhe ajudou a ter ideia de trabalho foi o seu irmão da Zambézia que vive aqui em Maputo, foi quem lhe arranchou mecanismo em trabalhar numa empresa Televisa como segurança localizada na praça dos Combatentes, depois ao longo do tempo viu outras cenas (formas de vida), onde actualmente faz parte das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), para estar nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique foi o pai quem deu essa oportunidade de estar lá.

Nas duas referências de abordagens das experiências dos meus interlocutores acima a de Alexandre e Clemente verifica-se que essas tendências de migrações de um lado para outro, isto é da Zambézia para a Cidade de Maputo são ligadas a que Giddens s/d citado por Setton (2002) sustenta que no mundo em que vivemos hoje é marcado por uma intensidade de fluxos, nessa era da globalização “as coisas, as culturas, o dinheiro” se deslocam um lado para outro, sendo difícil distinguir o que é nosso ou não, por isso as migrações da Zambézia para a cidade de Maputo tem-se tornado frequente a busca de bem-estar (recursos de sobrevivências) nesta cidade. Nisso os *elos* locais, nacionais e internacionais são caracterizados como pássaros que vivem na mesma gaiola a que estes todos pássaros procuram um mesmo pão para sobreviver num mercado global e, é a



partir dessa onda que verifica-se essa atenuação das migrações/deslocações experienciadas no caso dos nossos interlocutores envolvidos na pesquisa de campo.

O facto pode estar relacionado com a afirmação Da Costa (2011: 10) em que vários casos de famílias que ao longo das últimas décadas mudaram várias para a cidade de Maputo. A importância de que se revestem as redes familiares parece explicar e permitir esta mobilidade para a cidade e dentro da cidade que se mantém com bastante intensidade. Pois neste caso, as pessoas vêem a cidade de Maputo como um local estratégico para a manutenção socioeconómicas ou seja a busca de recuso para a sobrevivência.

Esta tendência estaria também relacionada ao que Jenkins (2010) denominou de crescimento proporcional em áreas urbanas secundárias e terciárias. Aliado a isso é a crescente complexidade das tendências migratórias urbanas, circulares e intra-urbanas do movimento da população.

E nas veias de Low (1996) sustenta que com o surgimento da Escola de Chicago nas décadas de 1920 e 1930 o desenvolvimento de uma perspectiva ecológica urbana, a cidade é vista como formada por nichos ecológicos adjacentes ocupados por grupos humanos.

### **3.1.As vivências de “ontem e hoje” dos migrantes no bairro de Magoanine “A”**

Neste presente secção apresento as vivências das pessoas que saíram da Zambézia que estão a viver em Magoanine “A” como se adoptam e se relacionam para dar significados as suas vivências no dia-a-dia. Partindo do argumento de (Little 2002; Casal 1996) de que toda a sociedade constrói significação sobre o local onde vive, classificando-o, e ao mesmo tempo, o espaço impõe sobre o desenvolvimento material e imaterial de uma sociedade, onde há implicações que exigem acções ao pensamento humano.

No meu trabalho de campo em Dezembro de 2022 e em 2023 nos meses de Abril, Maio e Junho, durante o período que estive no campo me interagindo com os migrantes provenientes da Zambézia os falantes da língua Chuabo ou Tchuabo e Lómués residentes em Magoanine “A”. Durante o período em que vivenciei notei que aos fins-de-semana juntam-se na casa de um amigo, numa mangueira ou mafurreira, na rua, na

varanda, nestes locais começam a conversar sobre a vida como era e como é na sua terra de origem.

Os homens compram bebidas como cerveja ou Royal e partilham em conjunto, dançam as suas músicas que eles escutavam na terra de origem, algumas cantadas em língua chuabo, e jogam cartas de papéis (um tipo de jogo).

As mulheres ficam sentadas longe dos homens preocupadas em cozinhar, tirar água no poço ou torneira, a cuidar as crianças mais novos, enquanto as crianças com idade crescidas ficam na rua no areal branca ao brincar com rotas como se fosse carro, as crianças com idade escolar vão a escola na companhia de um aos outros e outras crianças jogam futebol ao redor da casa ou na rua ao redor das espinhosas.

No dia-a-dia as mulheres são donas das cozinhas, onde preparam primeiro nas manhãs como amendoim torado e castanhas para a venda e depois preparam alimentos de consumo familiar como peixe, arroz, folhas de batata-doce entre outros. Tal como descreveu um dos meus interlocutores “peixe seco não nos dá vergonha de comer, você não pode ter vergonha comer coisas que comia na sua terra enquanto vive aqui em Maputo, ser da cidade não significa comer coisas do contentor toda hora, eu compro peixe seco lá no mercado Xiquelene e consumimos mas outros têm a vergonha, só preferem ir na loja comprar coisa do congelador”.<sup>4</sup>

Estes em alguns momentos alimentam-se de pratos da terra de origem como o peixe seco (Madjembê) e xima de farinha de mandioca (Caracata) que lhes fazem sentir-se em contacto com a terra de origem. Mas devido as dificuldades de natureza económica que não permitem trazer estes produtos alimentares numa forma recorrente da Zambézia, eles sujeitam-se a alimentarem-se de pratos comuns da cidade de Maputo como a Cacana, Couve e outras folhas a que chamam Mboas em Maputo.

Nas manhãs enquanto amanhece as mulheres preparam o diário de ir ao negócio tendo recorrente as suas trajectórias que são feitas nas tardes de Magoanine “A” até no mercado de Xiquelene com as suas bandejas com produtos alimentares, enquanto os homens no dia-a-dia saem nas suas casas para trabalhar outros vendem redes

---

<sup>4</sup> Numa conversa na casa da dona Lúcia e Nolita em Dezembro de 2022 e Abril de 2023.

mosquiteiras e outros fazem suas “boladas”. Um homem que é mais conhecido do bairro natural de Malema/Gurue o cota Mucucu ele faz esteiras e sai no bairro nas manhãs para a pesca e cultivar.

No tempo de verão encontra-se as pessoas sentadas numa mangueira ou na mafurreira com água ao seu lado ao beber, ao descansar e ao lamentarem que o calor é de mais. E comunicam ao telefone para as famílias e amigos que se encontram noutros pontos a questionar que tal esse calor faz sentir ai em casa também.

Estas pessoas provenientes da Zambézia alguns tem hábito em viver numa área em comum e difícil se deligarem a não sendo por força natural como aconteceu em Fevereiro de 2023 quando a área onde vivem foi alagadas pelas águas que inundou as suas casas neste bairro. Mas mesmo vivendo em áreas diversas a sociabilidade e relações sociais não morreu continuaram a se visitar um aos outros nos fins-de-semana, não só.

**Fig:3.** Casa de Comboio em convívio em comum entre os migrantes- Foto autor 2023.



**Figura:4.** Horta em redor da casa- foto autor 2023.



Este todo processo observado e descrito acima de vivências e adaptação por migrantes em Magoanine “A”, Linton (1972) define estas vivências como sendo práticas culturais, este autor olha a cultura como sendo a maneira de viver de uma sociedade com um determinado tipo de comportamento dos membros que são padronizados na concepção que se encontra dentro da sociedade, ou seja, a cultura é um conjunto de padrões culturais organizados que servem de guia para os membros de uma sociedade. Para este autor a cultura e os seus padrões possibilitam o funcionamento assim como a conservação de qualquer sociedade, a estrutura organizacional, as posições ocupadas pelos indivíduos e as relações biológicas constitui uma questão cultural.

Giddens (1991 citado por Hauge e Kolstad 2007) descreve estas vivências dos migrantes como estilo de vida, sendo mais ou menos um “conjunto integrado de práticas que um indivíduo/s abraça, não somente porque tais práticas desempenham um papel na satisfação das suas necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da identidade pessoal”. O estilo de vida permite as escolhas de certas mercadorias dentro de padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social (Filho 2003).

Ainda sobre as vivências dos migrantes provenientes da Zambézia residentes em Magoanine “A” em conversa com alguns interlocutores tive conhecimento sobre a recorrência ao curandeirismo na busca do medicamento tradicional (*muompwe*) para a manutenção da segurança no lar/casa para questões de *ekumi* (saúde) e protecção do

feitiço assim como maldades, também é feito o culto dos antepassados e a recorrência a igreja para aliar-se aos ditames cristãos no cultivo do amor ao próximo.

Nolita tem uma igreja onde reza mas diz não ser suficiente ir a igreja apenas para a sua segurança e protecção na sua casa, por isso recorre ao curandeiro na busca do medicamento tradicional e na igreja vai para cultivar o amor com seus irmãos e aprender a ser boa pessoa enquanto vive em Maputo. Conta que na última vez que foi a igreja, foi através do convite de um pastor que passava no caminho e passou na sua casa, onde foi tida “tens que passar a vir na nossa igreja, aprender amor com seus irmãos”, segundo as suas palavras.

Posteriormente, Nolita se questionou será que essas todas igrejas cheios aqui na zona visam cultivar o amor ao próximo? “Acredito que outros criam igrejas para obter dinheiro só”. Na mesma conversa Afonso sustentou que ir a curandeiro não é área dele, mas também não é forte a igreja é que onde ele cresceu na Zambézia os pais não seguiam muito a tradição do curandeirismo, por isso ele também não segue curandeirismo e sustenta que quem cresce com os pais ao recorrer curandeirismo essa pessoa também ao crescer onde vai também poderá seguir as tradições dos pais.

E, quem cresce com os pais ao recorrer a igreja essa pessoa também poderá seguir o caminho dos pais a igreja, isso depende como a pessoa cresceu a ver e como foi educada. E “isso depende do gosto e onde a pessoa se sente bem (onde as suas coisas andam bem) mesmo as pessoas daqui em Maputo outros recorrem a igreja e outros ao curandeiro” aquilo que eles chamam “*a fambile ka nhanga*” (foram ao curandeiro).

Lino de 36 anos, natural de Gilé descreveu sobre a recorrência do curandeirismo, vive na cidade de Maputo há oito (8) anos, para a sua segurança em *ekumi* (saúde) e protecção na feitiçaria assim como em maldades enquanto vive fora da sua terra de origem tem usado medicamento tradicional, quando viaja para a sua terra de origem distrito de Gilé recorre a quem chamam em língua lómué de *namuku* (curandeiro), para tomar um banho de medicamento que é feito através das raízes locais designado *Murompwe*, segundo as suas palavras, e outro medicamento leva para usar com a família em Maputo. Lino viaja a Gilé em dois em dois anos para visitar a sua família e quando chega aproveita o tempo e se interage com seu *Namuku* de modo a lhe organizar *murompwe* (raízes terapêuticas) para o bem-estar de saúde enquanto vive na cidade de

Maputo junto com a sua família e isso é uma forma de protecção como feitiço e outros males.

Tal como descreve um dos interlocutores a seguinte:

Olha irmão, eu vivo aqui em Maputo mas não deixei totalmente as tradições da minha terra de origem, meu pai e meus avós eram maus (refiro bons) eles sempre adoravam os antepassados, usavam medicamento tradicional e essas crenças e práticas eu ando com eles mesmo aqui onde estou as vezes pratico quando as coisas não andam bem, sabe isso faz parte da nossa vida, o que nos faz ter saúde são várias coisas que eu me identifico com isso levei e aprendi lá na terra de origem e aqui faço (Conversa com Complicado em Junho de 2023).

Ir à igreja é apresentado como crença aprendida no seio doméstico no processo educativo. Enquanto outros interlocutores entendem o uso do medicamento tradicional e o culto dos antepassados como elementos fundamentais na manutenção da saúde e o bem-estar enquanto vivem na cidade de Maputo fora da terra de origem. Este facto não se distancia com a proposta em Meneses (2000) onde aponta que as práticas de tratamento presente em Moçambique e que hoje se designam de “medicamento tradicional” assentam no pressuposto de que estar de boa saúde significa realizar em si mesmo um equilíbrio necessário, estar em paz com os antepassados, com os vizinhos, com próprio corpo (incluindo a higiene); estar convenientemente alimentado (o que na actualidade inclui ter emprego que garante o sustento) e protegido de males, sejam estes naturais ou “enviados”.

Por sua vez, Meneses (2000) sustenta que a medicina tradicional é um termo usado para se referir as práticas curativas, onde estes terapeutas trabalham com plantas naturais para resolver um determinado problemas em componentes sociais, emocionais, simbólicos e é o que faz com que na actualidade, os médicos ditos tradicionais continuem a ser procurados, não só nos meios rurais onde o alcance do Serviço Nacional de Saúde (SNS) é mais reduzido, mas também nos contextos urbanos.

Sobre a forma de importação dos cuidados de saúde Helman (2009) refere:

As subculturas de cuidado de saúde podem ser importadas de outros locais, em muitos casos, os imigrantes que chegam a uma sociedade com frequência trazem seus agentes de cura populares tradicionais junto com eles para lidar com sua má saúde de uma forma culturalmente familiar (Helman 2009).

Seguindo a mesma linha de argumento Loforte (1989) falando sobre a migração das comunidades rurais para a cidade aponta que os imigrantes permanecem arrigados aos valores da sociedade rural-camponesa de tal maneira que mesmo estando na cidade, realizam cerimónias e diversos rituais para sanar certos problemas sérios, como é o caso das doenças ou outros males que lhes afectam as famílias, ou para assinalar certos momentos particulares da vida de um individuo como sejam o nascimento, casamento ou a morte.

O culto aos ancestrais que constitui o elo de ligação com um ser sobrenatural ou criador desempenha um papel vital nestas comunidades. Deste modo, os migrantes ao rumarem para a cidade levam consigo os preconceitos e normas que são produtos da formação social que os criou e que eles consideram como sendo validos, como vimos atrás os migrantes provenientes da Zambézia trazem os seus medicamentos tradicionais na terra de origem para sanar males na cidade e nalguns momentos peçam a saúde os seus antepassados de modo a ter bem-estar.

Neste contexto, Loforte (1989) continua sublinhando que o meio urbano ainda não conseguiu criar na maioria parte dos agregados familiares com características próprias que os possam individualizar e manter afastados do espectro sociocultural do meio rural.

### **3.2. “Me sinto ser do Norte e Sul” a Sociabilidade**

O bairro Magoanine “A” é vivenciado de pessoas de vários grupos étnicos, além dos migrantes provenientes da Zambézia os *Machuabos* e Lómués, temos também os Macuas, Rongas e Machanganas, apesar de viverem várias pessoas de diferentes etnias o processo de sociabilidade não mina nas suas relações sociais, amigáveis, vizinhança e partilhas.

Deste modo, observando-se o quotidiano dos migrantes provenientes da Zambézia no bairro de Magoanine “A”, verificou-se que apesar de os residentes do bairro não serem todos migrantes provenientes da Zambézia, estabelecem relações sociais e culturais distintos e buscam distinguir-se dos demais, existem momentos em que os residentes partilham o mesmo espaço de lazer no bairro.

Destes lugares de interacção e relações destacam-se na magueira, mafurreira ou então na casa do amigo/a onde verificam-se aparentes relações de proximidade e

sociabilidade. Nesses locais é frequente observar residentes engajados em conversas, prática de danças as músicas em língua chuabo, changana e numa espécie de prática em comum de gargalhadas/piadas entre si. Nos tempos livres e datas festivas os residentes em grupos (que tendem a ser recorrentes) de três a quatro mulheres vestidas de capulanas, sentam-se num espaço em comum e divertem-se, enquanto os homens nos fins-de-semana sentam-se numa casa a consumirem bebidas alcoólicas<sup>4</sup>

De seguida descrevo um evento situacional que envolve mulheres do bairro, uma prática de troca de presentes.

Enquanto desenvolvia o meu trabalho de campo em Abril de 2023, a Dona Emília, natural de Inhambane, sabendo da minha pesquisa, convidou-me a um evento local de troca dos presentes entre as mulheres do bairro para fazer algumas notas para o meu estudo, onde assiste do início até no fim do evento, ali estavam as mulheres das províncias de Nampula, Zambézia, Inhambane e Maputo todas elas que vivem neste bairro de Magoanine “A”.

O local do evento foi no meio da rua do bairro, por baixo da mangueira ao redor das espinhosas. No princípio do evento todas mulheres chegaram no local do evento por volta das 16 horas, vestindo capulanas e com uma cadeira nas mãos para sentar. Depois de 17 hora todas chegaram e o evento era antes de iniciar depois de terem chegado todas mulheres a Dona Emília iniciou a saudar todas as mulheres por vezes ela dizia “vocês são minhas velhas, eu é que sou jovem sozinha aqui” e todas as mulheres sorriam nisso, a Dona Emília é ou era a mais activa no evento conseguia lançar gargalhadas/piadas ao deixar as outras mulheres fantásticas, depois de breves gargalhadas introdutória, a Dona Emília começou a chamar uma por uma para se apresentar falar do seu nome, naturalidade e qual a sua expectativa do evento.

Como mencionei acima que no evento estavam mulheres de Nampula, Zambézia, Inhambane e Maputo, então a Dona Emília disse “vejo que aqui na zona temos mulheres de vários sítios, vejo por exemplo a mama ali atrás que é “*muthiana orrera*” (mulher bonita) de Nampula (sorriso popular) entre outras e isso “nos demonstra que devemos ser



unidas aqui na zona, andarmos juntos e isso que fizemos hoje em nos juntar para nos presentear é uma coisa muito bonita que deve se repetir várias vezes”.<sup>5</sup>

Um tempo depois iniciaram com os cânticos em Xi-Changana depois ligaram aparelho para escutar músicas e aí houve misturas de músicas ao dançar, passando um tempo todas serviram uma refeição (aqui não assisti bem porque já estava noutro lado de fora ao conversar com alguns homens que bebiam cerveja ao dançarem).

Depois da refeição a Dona Emília disse: “Agora chegou a hora mais esperada, o momento de recepções (receber) presentes que cada mulher comprou para uma outra mulher, cujo ninguém sabe o tipo de presente que ira receber, tudo aqui é surpresa, mesmo eu Dona Emília não sei se me compraram chinelos de 40mts ou o que (sorriso popular) e, elas nós já estamos ansiosas para ver”.

Por volta das 19:00 começaram a chamar uma por uma a receber presente e quando recebia exaltavam, batiam palmas e gritos (parabéns, parabéns) e os presentes que recebiam eram: caixa de copos de vidros, caixa de pratos de vidros, caixa de copos de chávenas, bacia de 100 litros, panelas entre outros presentes.

Por exemplo, uma mulher proveniente da Zambézia ali presente quando chegou a sua vez de receber gritaram mulher machuabo *hiiii* vai receber panelas depois de ela receber dançou e as outras gritaram parabéns essas panelas deve levar quando volta a Zambézia e é proibido cozinhar folhas ai, só deve cozinhar coisas xiques (boas) como peixe, carne (sorriso popular), ela respondeu esta bem mamas ouvi vossas palavras (sorriso). De seguida todas as mulheres receberam presentes, a Dona Emília agradeceu todas mulheres presentes no evento do convívio e a união que se tem feito, dai encerrou-se o evento e cada mulher regressava na sua casa com seus presentes.

Com isso, o campo mostrou-me os contornos que configuram a sociabilidade das mulheres em Magoanine “A” enquanto membros viventes neste bairro.

Geertz (1986) refere que na observação da briga de galos balinesa, presenciar o evento de troca de presentes das mulheres foi para mim como estudante pesquisador de certa forma para ver, ouvir e escrever uma parte do universo sociocultural dos residentes de

---

<sup>5</sup> Conversas entre mulheres num evento de troca de presentes em Abril de 2023.

Magoanine “A”, visto que pude ficar sabendo de vários hábitos, costumes e relações a partir daquelas pessoas com mais profundidade, uma vez que o evento era de troca dos presentes algo de iniciativa local.

Não quero com isso sugerir que a vida das mulheres em Magoanine “A” se resume daquele evento, mas sim que parte dos fatos levantados no encontro refletem a parte do quotidiano das mulheres que visam aumentar ou partilhar a sociabilidade entre si.

Este processo de troca de presentes das mulher em Magoanine “A” me fez lembrar o “Ensaio sobre a Dádiva” de Mauss citado por Godelier (2000) onde questiona por que razão se dá? Segundo esse autor dar é instituir simultaneamente uma dupla relação entre quem dá e quem recebe. Uma relação de solidariedade, visto que quem dá é uma relação de superioridade, já que aquele que recebe a dádiva e aceita ficar em dívida para com quem a deu.

Para Mauss citado por Godelier (2000) uma dádiva é uma acção voluntária, individual ou colectiva, que pode ou não ter sido solicitada por aquele ou aqueles que a recebem. Mauss dizia que nos mundos “tudo vai e volta, como se houvesse troca constante de uma matéria espiritual englobando coisas e homens entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre classe, sexo e gerações”. Por isso, neste evento de troca de presentes entre as mulheres em Magoanine “A” registou se a dupla relação e solidariedade no âmbito da sociabilidade das mulheres do bairro.

Clemente, estabelece relação de sociabilidade em dois blocos da Zambézia em Norte e Maputo no Sul, e descreve:

Vivo aqui em Maputo no bairro de Magoanine “A” eu me relaciono quase com todos seja dai em Maputo ou meus conterrâneos da Zambézia, tenho amigos em dois blocos, sabe quando quero ajuda eu primeiro ligo para qualquer um deles seja meu conterrâneo ou daqui, porque quem é teu amigo te entende não importa do local de origem. A pessoa é preciso ter amor e carinho, ter irmão não é só aquele que nasceu contigo, a pessoa aqui em Maputo deve abrir visão andar com os daqui em Maputo e os de lá seus conterrâneos em Norte, ter amor e carinho nos dois lado, aqui em Maputo tem muita raça é um local de mistura de pessoas como os Machanganas, Macuas, Machuabos, Makondes, Sul-africanos, Angolanos, portugueses entre outros. Então a pessoa deve ser aberto, dinâmico e não ser fechado, eu tenho uma boa relação com Machuabos, Machanganas convivemos juntos.

Cota Mucucu, o mais conhecido do bairro, o primeiro Homem do Norte a se fixar neste bairro ele tem estabelecido relações com muitas pessoas que vivem no bairro, os de norte e sul. Este muitas vezes tem-se aproximado na sua casa a ser pedido ideias ou resolver certos problemas sociais mas ele não é um chefe apenas é uma pessoa ideal. Nas suas machambas em redor da casa há pessoas que vem pedir dever produtos mas ele aceita porque “todos somos irmãos” segundo as suas palavras. Este sustentando as suas palavras de que “todos somos irmão”, referenciou que nos tempos actuais não há racismo “mas nos anos 1980 havia essa coisa de você ser de Norte não seria aceite com outros do Sul mesmo nas instituições do Estado e sociais havia essas imputações”. Mas nos tempos actuais diz não haver essas negações, por isso ele se mistura diariamente com todos sem olhar a pertença étnica.

### **3.3. A música “machuabo” e a língua chuabo como elementos de construção de identidade**

Nesta secção apresento alguns migrantes provenientes da Zambézia, os falantes da língua chuabo que usam a música *machuabo* e a língua chuabo como elementos de construção da sua identidade.

Para isso, as conversas em casa de amigos, as diversões em espaços de lazer e na rua são acompanhados pela música *machuabo*, eles afirmam que “a música *machuabo* é uma das particularidade que lhes fazem identificar como machuabos”,<sup>6</sup> estes ficam sempre a tocar e escutar a música *machuabo* como parte da sua cultura da terra de origem.

Desta feita, os meus interlocutores descreveram que o que define o ser “música *machuabo*” é pelo facto de os músicos pertencentes da cidade de Quelimane e os distritos onde falam a língua chuabo cantarem em língua local chuabo/tchuabo.

Uma outra explicação e descreverita na música *machuabo* como certos ritmos musicais relacionados ao povo ou grupo da Zambézia especificamente para os falantes da língua chuabo. Nessa definição do conceito da música *machuabo*, é baseada no ritmo que os músicos locais usam, convém nos músicos usarem um instrumental “rápido ou lento” nas suas músicas que acompanham com os passos de dança dos ouvintes (pessoas) que

---

<sup>6</sup> Entrevista com Manuel e outros numa árvore de mafurreira do bairro em Junho e Maio de 2023.

muitas das vezes são os ritmos das músicas que possuem alegria e felicidade que muitas das vezes são usadas nas cerimónias familiares como: casamentos, aniversários entre outros eventos de convívios sociais.<sup>7</sup>

Os meus interlocutores apontaram que para além do bairro Magoanine “A”, onde eles vivem também em outros bairros da cidade de Maputo onde vivem outros *machuabos* como: Xiquelene, Casa Branca, Costado sol entre outros pontos a pessoa quando entra no interior desses bairros não falta ouvir música *machuabo* a tocarem, a dançarem num ambiente de diversão e a conversarem em língua chuabo.

Um dos interlocutores argumentou que “Machuabo se sente bem, ao tocar a música da sua terra e gosta disso”, por isso apontam que o gosto é relativo, eles podem estar a gostar daquelas músicas da sua terra mas existir uma pessoa daqui em Maputo não gostar, isso porque a pessoa não entende a mensagem da música e pensar que é um barulho ou insulto, mas se for uma pessoa da sua terra poderá saber o que diz a música em si e ao acenar a cabeça acompanhando a mensagem e o ritmo (Conversa em grupo entre amigos num convívio, em Maio de 2023).

A minha permanência no campo durante 4 meses tornavam repetitivas as palavras abaixo nas conversas que tive, sobre o gosto da música *machuabo*:

A música nos satisfaz a alma, lembranças, identifica-nos e nos uni. Onde um *machuabo* esta quando liga aparelho dele põe música *machuabo* e é o que estas a ver sempre que chegas aqui quase há semanas e encontra o mesmo cenário a tocar e dançar (Conversa em grupo entre amigos num convívio).

Enquanto conversava com Clemente num belo domingo por volta das 17 horas onde estava com um grupo dos seus amigos sentados ao beber um vinho, clemente diz “estes são meus amigos conterrâneos de lá na terra estamos aqui para nos divertir”, minutos depois ligaram o som e iniciaram a tocar as músicas *machuabo*, enquanto a música tocava dançavam e diziam “a música é a lembrança da nossa terra, não podemos esquecer, as mensagens que nos transmite nós entendemos”.

As músicas que tocam nos seus encontro de convívios e nos seus diários 90% das músicas são dos cantores da Zambézia os falantes da língua chuabo porque segundo eles

---

<sup>7</sup> Entrevista desenvolvida por Manuel e Gildo em Junho de 2023.

são através dessas músicas que lhes conseguem unir e lhes colocar a (re) pensar o passado da terra de origem nos lindos momentos e momentos da tristeza.

As músicas que gostam e que tem hábito de tocar e escutar dos cantores da Zambézia são de Suraj e Sadjí<sup>8</sup> entre outros, na altura em que fazia esta pesquisa de campo também existia outro cantor que eles consideravam sendo um novo e que tem feito sucesso na Zambézia e em Maputo a quem chamam de Bokly e apontavam que tem carregado a cultura da Zambézia passando nas televisões, não só.

Estes gostos e hábitos na prática da música *machuabo* que os migrantes provenientes da Zambézia, refere-se sendo gostos que iniciaram na terra de origem Zambézia e passou até a cidade de Maputo, o autor Bourdieu é referenciado por Setton (2002), onde sustenta que a variedade dos gostos e de hábitos é profundamente marcada pela trajetória social dos indivíduos, isto é, pela experiência de socialização em que foram integrados, pela educação que receberam.

A apreciação de determinado tipo de manifestação artística não é inato ou fruto exclusivo de sensibilidade individual mas sim é consequência de um processo educativo encabeçado pela família ou pela escola. E no caso do gosto e habito em escutar e dançar a música *machuabo* é uma manifestação social tanto individual que resulta dos hábitos socializados na terra de origem na Zambézia e tendo carregados estes hábitos e gostos para a cidade de Maputo.

Nisso podemos ver Confúcio citado por Laraia (2001) quando escreveu que: “*A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados*”. Para isso, o que diferencia os migrantes provenientes da Zambézia em Magoanine “A”, aos demais são questões dos hábitos e gostos na identificação da música *machuabo* e a língua chuabo esse ponto que merecera maior destaque nos passos a seguir.

Na prática etnográfica constatei a ser recorrente diariamente ver e ouvir os migrantes ao se comunicarem em língua chuabo nas suas conversas entre os conterrâneos ao se saudarem da seguinte forma: *mulobwana mwagmi?* Isto é: Homem tudo bem? E respondem: *ddamugumi* (estou bem!), também tem usado a língua portuguesa ao

---

<sup>8</sup> Suraj e Sadjí são cantores da província da Zambézia, conhecidos no mundo da música por cantarem em língua local chuabo.

conversar com os vizinhos e amigos não zambezianos. Estes ao usarem a língua chuabo como sua referência nas comunicações lhes fortifica como “zambezianos machuabos”, tal contam “essa é uma forma de nos identificar de que nós somos *machuabo*, mesmo alguém ao passar no caminho nos ouvir a conversar com a nossa língua logo a pessoa topa *shiii* esses *gajos* dessa área falam outra língua e se for alguém que conhece a língua chuabo logo descobre”. Estes os seus planos em grupo sobre um determinado negócio ou bolada combinam traçando em comum em língua chuabo ao se divergirem e convergirem ideias.

Apontam que cada pessoa deve amar a sua língua da terra de origem por isso acreditam que “não existe uma língua melhor em relação a outra, porque cada língua as pessoas conseguem se comunicar, então aquilo de uma pessoa negar a sua língua materna é mesma coisa dizer a mãe dela é feia”. Nisso estes têm amado a sua língua materna chuabo, mesmo estando longe da terra de origem (Conversa em movimento diário nas ruas do bairro em Maio de 2023).

No meu trabalho de campo notei que a maioria das pessoas do Norte do rio Zambeze ao se fixarem ou chegar ao Sul de Moçambique em particular na cidade de Maputo se identifica através da comunicação das suas línguas maternas como os macuas de Nampula e *machuabos* da Zambézia. Quando se encontram numa barraca ao beber ou se divertir ao ouvirem alguém a falar a língua da sua terra de origem logo se notam pelo sotaque que são conterrâneo e mesmo sem se conhecerem antes logo reagem com algumas palavras em chuabo ou macua para saberem que são da mesma terra e aí inicia relação de amizade e troca de números telefónicos para se conhecerem melhor ao andar do tempo.

Num belo Sábado enquanto o sol batia e os graus metrológicos rondava nos 40 graus na cidade de Maputo, um dos meus interlocutor deu conhecer que nos seus tempos livres tem ido no Bar “ZAMBEZIA” que se localiza em Malhazine (ao lado da paola) onde tem-se divertido com amigos da Zambézia, não só e passando alguns dias me levou para o local. Chegando ao local a proprietária do Bar “ZAMBEZIA” disse:

Por causa dessa escritura do Bar com nome “ZAMBEZIA” é muito chamativo, muitas vezes tenho recebido pessoas da Zambézia que vivem cá em Maputo e não só, que procuram saber se aqui faço *mucapata* e frango à Zambeziana e digo sim faço frango à Zambeziana mas *mucapata* é muito complexo não faço daqui para aqui, para isso é

necessário aviso prévio em recomendar. Os clientes me pedem para fazer esse franco à Zambeziana dai compram e comem, então este local as pessoas usam como espaço para recordar prato da terra e as vezes eles ficam aqui a conversar com a língua materna deles.<sup>9</sup>

**Figura: 5.** Bar “ZAMBEZIA” em Malhazine-foto autor 2023.



Com os argumentos dos meus interlocutores acima verifica-se que os migrantes provenientes da Zambézia que vivem em magoanine “A”, os seus marcadores que eles utilizam para se afirmarem como “zambezianos machuabos” e se diferenciarem dos outros grupos etnolinguístico é a música *machuabo* e a língua chuabo. A música *machuabo* constitui a principal marca identitária desse grupo dos zambezianos os falantes da língua chuabo, não só em Magoanine “A” mas praticamente em outros lugares onde eles vivem. Eles têm a consciência de que estão longe da terra de origem mas procuram representar com a música *machuabo* e a língua chuabo no dia-a-dia como elementos vivos. Apesar de serem cobertos por estes elementos identitários da terra de origem não impede que manifestem outras identidades paralelas.

Com este processo de revalorização da música *machuabo* e a língua chuabo em contexto de migração como elementos identitários dos *machuabos* nos leva a buscar Mondlane quando afirma:

---

<sup>9</sup> Conversa com a proprietária do Bar “ZAMBEZIA” em Malhazine em Maio-2023.

Os elementos positivos da nossa da nossa vida cultural, tais como as nossas formas de expressão linguística, as nossas músicas e danças típicas, as particularidades regionais de nascer, crescer, amar e morrer, continuarão depois da independência para florir e embelezar a nossa Nação (Mondlane 1976 citado por Nhamaze 2000).

No entender de Ngoenha (2011) essa forma pensar, divertir, dançar a música “machuabo”, comunicar com a língua da terra de origem em chuabo, alimentar-se de pratos típicos zambebianas por parte dos migrantes todos estes elementos é que fazem parte de identidade cultural dum grupo mas contribuindo para a nossa moçambicanidade no sentido “todo”, porque a identidade moçambicana “é uma construção” e no sentido de Da Conceição (2006) a nossa identidade/cultura são múltiplas sobretudo da influência das fronteiras estrangeiras que dominaram esta região de Moçambique por longos anos como (árabes, portugueses e até chineses).

Por isso, Dias (2015) defende que a sociedade moçambicana é multilingue, pluriétnica, multi-racial e socialmente estratificada. Para este autor existem em Moçambique várias formas de organização social, cultural, política e religiosa, bem como várias crenças, línguas, costumes e tradições. Deste modo, pode-se afirmar que a principal característica do património cultural moçambicano é a sua diversidade, visto que as manifestações e expressões culturais são ricas e plurais, sobretudo as ligadas às camadas populares.



## Conclusões

O presente trabalho teve como objectivo analisar as experiências, vivências e identidades de pessoas provenientes da Zambézia, que migram para a cidade de Maputo. De forma particular, pretendia-se descrever as experiências dos migrantes provenientes da Zambézia para a cidade de Maputo; analisar as vivências e relações de sociabilidade que os migrantes estabelecem no bairro de Magoanine “A”; por último, alisar a música “machuabo” e a língua chuabo como elementos de construção de identidade.

Propus-me recolher dados usando o método etnográfico. Calado (2015), sustenta que na pesquisa etnográfica o pesquisador insere-se na ideia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares e a mesma pesquisa exige um mergulho em profundidade. E aliado em De Oliveira (2006) na ideia de que na realização do trabalho de campo antropológico olha, ouve e escreve o que acontece no campo durante a pesquisa.

E com base no auxílio de algumas técnicas adaptadas como a observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, uso fotográfico/gravação, grupo focal e estudo de caso, foi possível vivenciar, interagir e observar o dia-a-dia dos migrantes provenientes da Zambézia residentes em Magoanine “A” e outros habitantes, mergulhei nos seus espaços residências ou casas, caminhei nas suas ruas e acompanhei as vivências, relações de sociabilidade, vi momentos de lazer acompanhado com a música *machuabo* e a comunicação em língua chuabo no quotidiano.

Sendo assim, os dados de pesquisa recolhidos no trabalho de campo permitem analisar em três dimensões estruturantes da vivência dos migrantes em Magoanine “A”. A primeira, verifica-se que os migrantes provenientes da Zambézia que chegam ao bairro de Magoanine “A” pelo convite dos amigos conterrâneos e parentes que estabeleceram residências anteriormente. As vivências dos migrantes nas suas casas, as mulheres têm praticado pequena agricultura em hortas para o consumo doméstico. As mulheres também praticam vendas de produtos como amendoim torrado e castanhas, enquanto os homens procuram se inserir na venda de redes mosquiteiras entre outras suas “boladas” e negócios no dia-a-dia para o sustento da família. Em contrapartida, em alguns momentos estes migrantes alimentam-se de pratos da terra de origem como o peixe seco (madjembê) e xima de farinha de mandioca (caracata) que lhes fazem sentir-se em

contacto com a terra de origem. E por estarem a viverem em Maputo tem consumido alguns pratos comuns dessa Cidade como a cacana, couve e outras folhas a que chamam *mboas* em Maputo.

Ainda verificou-se que alguns migrantes enquanto vivem na cidade de Maputo, tem-se recorrido a igreja na busca do amor ensinamento aprendidos nos seios domésticos e a recorrência a medicamento tradicional “*murompwe*” na terra de origem e o culto dos antepassados para a segurança em *ekumi* (saúde) e na protecção do feitiço assim como maldades enquanto vivem em Maputo longe da terra de origem.

Na segunda dimensão, verifica-se que neste bairro de Magoanine “A” o arrendamento das casas dos migrantes provenientes da Zambézia tem sido num espaço em comum onde verifica-se as relações de sociabilidade entre as mulheres, assim como os homens. Neste bairro habitam pessoas de diferentes grupos étnicos, além dos *machuabos* e lómués da Zambézia também existem os macuas, *machanganas* e rongas estes restabelecem vários momentos de convívio e lazer no seu quotidiano, não só.

Na terceira dimensão, o entendimento da vida em contexto de migração envolve afirmação da identidade que integra a música *machuabo* e a comunicação em língua Chuabo. Sendo recorrente encontros em vários momentos em grupos entre os amigos conterrâneos reunidos numa casa ou na rua, a opção pela música e dança em música *machuabo*, com destaque as músicas dos cantores como Suraj e Saji, é uma escolha deliberada.

Este estudo contribui para a análise, de modo etnográfico, dos percursos migratórios ligadas as experiências, vivências e identidades e não somente as migrações quando se associam as questões de busca económicas e integração dos mesmos.

Nas futuras pesquisas seria interessante explorar, por exemplo, as ligações que existem entre os migrantes provenientes da Zambézia em diferentes bairros da Cidade de Maputo como: Xiquelene, Casa Branca e Costa de Sol de modo a se compreender as relações socioculturais existentes.

## Referências bibliográficas

Alberto, Bebito. 2015. *Entre o silêncio e o “lucro”: Um estudo sobre a onda de Sequestros nas Cidades de Maputo e Matola, em Moçambique, período de 2011-2013*. [Dissertação de mestrado]. Bahia, Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal da Bahia.

Boas, Franz. 2006. "Objectivos da pesquisa antropológica", In: Celso Castro (org), *Antropologia Cultural*, Zahar, pp. 70-90.

Calado, Virgínia. 2015. “Produção Etnográfica e Construção do Conhecimento Científico”. *Antropológicos* (13): 27-47.

Cardoso de Oliveira, Ricardo. 2006. “O trabalho do antrólogo: olhar, ouvir, escrever”, In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 17- 35.

Chiquele, Isabel. 2009. *Estratégias de casamento no meio urbano: Caso de estudo no bairro da Coop, Cidade de Maputo*. [Licenciatura em Antropologia]. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Faculdade de Letras e Ciências Sociais.UEM.

Colonna, Helena. 2012. *Eu é que fico com a minha irmã: vida quotidiana das crianças na periferia de Maputo*. [Tese de Doutoramento em Sociologia]. Maputo: Departamento de Sociologia, FLCS/UEM.

Cossa, Dúlcido. 2020. “O trabalho etnográfico e a análise situacional: entre a experiência e a teoria”. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.32rba.abant.org>. (Acesso em 10 de Junho de 2023).

Costa, Ana Bénard. 2011.“Famílias de Maputo: processos de mobilidade e transformações urbanas”, *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 3 (23): 177-192.

\_\_\_\_\_. 2007. “O Preço da Sombra: Sobrevivência e Reprodução Social entre Famílias de Maputo”. Lisboa: Livros Horizonte, pp.13-44.

Cuche, Denys. 1996. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Brasil: EDUSC.

Da Conceição, Rafael. 2006. *Entre o Mar e a Terra: Situações Identitárias no Norte de Moçambique*. Maputo: Promédia.

Daniel, Bartolomeu. 2014. *Espaço de trocas culturais e construção de identidades sociais entre os habitantes e trauseuntes na vila de ressano garcia*. [Licenciatura em Antropologia]. Maputo: DAA/FLCS/UEM.

Dubar, Claude. 2005. *A Socialização, Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.

Dias, Hildizia. 2015. “Diversidade Cultural e Educação em Moçambique”. *Revista Virus*, 4, 1-15.

Filho, José. 2003. “Media, Consumo Cultural e Estilo de Vida na Modernidade” *Eco Pós* 6 (1): 72-97.

Geertz, Clifford. 1989. “Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galo Balinesa”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, pp. 185-213.

Gluckman, Max. 1987. “Análise de Uma situação social na Zululândia Moderna”, In Fedeman-Bianco, Bela (Org) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas-Métodos*. São Paulo: Global Universitária, pp. 227-262.

Godelier, Maurice. 2000. “O legado do Mauss”. In: *O Enigma da Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

Helman, Cecil G. 2009. “Cuidado e cura: Os sectores de atenção à saúde”. In: *Cultura, Saúde e Doença*. Porto Alegre: Artes Medicas, pp. 79-93.

Hauge, Ashild. Kolstad, Arnulf. 2007. “Dwelling as an Expression of Identity: a Comparative Study among Residents in high-priced and low-priced Neighborhood in Norway” *Housing, Theory & Society* 1 (24): 271-292.

Jenkins, Paul. 2010. “Changing attitudes to land in the expanding urban areas of Xilunguine”. *Southern Africa: History, Culture and Society*, Seminar series, 26.

Jossias, Elísio. 2022. “Renegociar a comunidade e disputar territórios: Posse e propriedade nas terras comunitárias na região do lago Niassa”. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 26 (1). 5- 27.

\_\_\_\_\_.2007. *Entre a Colónia e a Nação: Moçambicanos Deficientes Físicos das Forças Armadas Portuguesas*. [Dissertação de Mestrado em Antropologia]. Lisboa. Departamento de Antropologia. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Laplatine, François. 2003. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense.

Laraia, Roque De Barros. 2001. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. 14ª Edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Leach, Edmund. 1982. “O meu tipo de antropologia”. In *A Diversidade de Antropologia*. Lisboa: Edições 70, pp. 117-141.

Lia, Silvana. 2011. *O sucesso da vergonha estudo de caso: zambesianos no mercado do Estrela Vermelha em Maputo*. [Licenciatura em Sociologia]. Maputo: Departamento de Sociologia/FLCS/UEM.

Little, Paul. 2002. “Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade”, *Série dos Antropólogos*, 322: 1-32.

Loforte, Ana. 1989. “A Persistência dos Valores Tradicionais nas Comunidades Urbanas e a Etnicidade”. *Trabalho de Arqueologia e Antropologia* 6: 21-27.

Low, Setha. 1996. *The Anthropology of Cities: Imagining and theorizing the city*. *Annual Review of Anthropology* 25: 383-409.

Linton, Raph. 1972. “O Indivíduo, a cultura e a sociedade”. In: *Cardoso, H e Ianni, O. Homem e Sociedade*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br> >. (Acesso em 15 de Junho de 2023).

Lakatos, Eva Maria. Marconi, de Andrade. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas.

Mário, Jeremias. 2020. *“Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano”*: uma etnografia sobre as experiências de vida de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè (Zambézia-Moçambique). [Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social]. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Meneses, Maria. 2000. “Medicina Tradicional, Biodiversidade e Conhecimento Rivaís em Moçambique”. DAA/UEM, pp. 1-40.

Mirole, Luciano de Leão Fabião. 2013. *Reconstrução e Manutenção da Identidade dos Migrantes de Nampula na Cidade de Maputo: O caso do bairro da Mafalala*. [Licenciatura em Antropologia]. Maputo: DAA/FLCS/UEM.

Ngoenha, Serverino. 2011. *O sul de Moçambique e a História da Antropologia: Os usos e costumes dos Bantos, de Henri Junod*. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas.

Nhamaze, Hélder. 2000. *A Identidade Cultural no Projecto de Construção da Nação Moçambicana, 1974-1990: O caso do distrito do Marromeu*. [Licenciatura em Antropologia]. Maputo: Unidade de formação e investigação em Ciências Sociais/UEM.

Paredes, Marçal de Menezes. 2014. “A Construção da Identidade Nacional Moçambicana no Pós Independência: Sua Complexidade e Alguns Problemas de Pesquisa”. *Revista Anos 90(40)*: 131-161.

Pedro, Vânia. 2022. *Somos Moçambicanos, mas antes Makonde*”: Dinâmica de etnicidade nacional no bairro PSK, distrito de Boane, sul de Moçambique. [Tese do Doutorado em Antropologia]. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_\_. 2008. *O Papel das Redes de Parentesco na Integração de Migrantes Oriundos da Zambézia na Cidade de Maputo*. [Licenciatura em Antropologia]. Maputo: DAA/FLCS/UEM.

Setton, Maria da Graça. 2002. “A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea”, *Revista Brasileira de Educação*, 20: 60-154.

Sitoe, Rogério. 2004. *Imigrantes Zambesianos na cidade de Maputo: Adaptação e Integração*. (Licenciatura em Sociologia). Maputo: Departamento de Sociologia, FLCS/UEM.

Truzzi, Oswaldo. 2008. “Redes em processo migratório”. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, 20 (1):pp. xx-xx.

Velho, Gilberto.1994. *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. 2003. O Desafio da Proximidade. *In: Pesquisas Urbanas: Desafiado Trabalho Antropológico*,. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Yin, Robert. 2001. *Estudos de caso: Planeamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.